

JANETE SUCH

**A FILOSOFIA INTERCULTURAL
NO PENSAMENTO DE RAÚL FORNET-BETANCOURT
PERSPECTIVAS TEÓRICAS**

Foz do Iguaçu
2024

JANETE SUCH

**A FILOSOFIA INTERCULTURAL
NO PENSAMENTO DE RAÚL FORNET-BETANCOURT
PERSPECTIVAS TEÓRICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Orientador: Doutor em Filosofia Prof. Johnny Octavio Obando Moran

Foz do Iguaçu
2024

JANETE SUCH

**A FILOSOFIA INTERCULTURAL
NO PENSAMENTO DE RAÚL FORNET-BETANCOURT
PERSPECTIVAS TEÓRICAS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto Latino-Americano de Economia, Sociedade e Política da Universidade Federal da Integração Latino-Americana, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciatura em Filosofia.

Data de aprovação:

Foz do Iguaçu, 27 de fevereiro de 2024.

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Johnny Octavio Obando Moran
UNILA - Brasil

Profa. Dra. Maria Luz Mejias Herrera
UCLV - Cuba

Profa. Dra. Patricia Nakayama
UNILA - Brasil

TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS

Nome completo da autora: Janete Such

Curso: Filosofia - Licenciatura

Tipo de Documento

(...X..) graduação	(.....) artigo
(.....) especialização	(...X..) trabalho de conclusão de curso
(.....) mestrado	(.....) monografia
(.....) doutorado	(.....) dissertação
	(.....) tese
	(.....) CD/DVD – obras audiovisuais
	(.....) _____

Título do trabalho acadêmico: A Filosofia Intercultural no Pensamento de Raúl Fonet-Betancourt - Perspectivas Teóricas

Nome do orientador(a): Johnny Octavio Obando Moran

Data da Defesa: 27 /02/2024

Licença não-exclusiva de Distribuição

A referida autora:

a) Declara que o documento entregue é seu trabalho original, e que o detém o direito de conceder os direitos contidos nesta licença. Declara também que a entrega do documento não infringe, tanto quanto lhe é possível saber, os direitos de qualquer outra pessoa ou entidade.

b) Se o documento entregue contém material do qual não detém os direitos de autor, declara que obteve autorização do detentor dos direitos de autor para conceder à UNILA – Universidade Federal da Integração LatinoAmericana os direitos requeridos por esta licença, e que esse material cujos direitos são de terceiros está claramente identificado e reconhecido no texto ou conteúdo do documento entregue.

Se o documento entregue é baseado em trabalho financiado ou apoiado por outra instituição que não a Universidade Federal da Integração Latino-Americana, declara que cumpriu quaisquer obrigações exigidas pelo respectivo contrato ou acordo.

Na qualidade de titular dos direitos do conteúdo supracitado, o autor autoriza a Biblioteca LatinoAmericana – BIUNILA a disponibilizar a obra, gratuitamente e de acordo com a licença pública **Creative Commons Licença 3.0 Unported**.

Foz do Iguaçu, 27 de fevereiro de 2024.

Dedico este trabalho à minha amiga Regina, fonte inesgotável de amor, apoio e incentivo, aos meus pais por todo apoio e amor.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço à minha amiga, professora e fonoaterapeuta Regina Célia por todo o suporte emocional, carinho e preocupação nesta fase tão importante e decisiva da minha formação acadêmica, aos meus pais Juan e Ana, por todo o suporte e apoio material e emocional durante toda a minha vida, ao meu companheiro Mario Sergio, que mesmo chegando na minha vida há pouco tempo, vem me proporcionando suporte e apoio emocional e material durante esta fase de formação acadêmica.

Quero deixar meu muito especial agradecimento, à minha querida amiga e professora Maria Luz Mejias Herrera, com quem tive o privilégio de ter aulas no período em que foi professora visitante na UNILA, primeiro por sua postura maternal de acolhimento, por seu exemplo de dedicação e resiliência qualidades que muito admiro, e principalmente por não desistir de nenhum aluno, inclusive eu, me proporcionando atenção especial, esforço, incentivo, apoio e dedicação no sentido de não deixar eu desistir de completar minha graduação.

Meu especial agradecimento também, ao meu querido professor de várias disciplinas e orientador, Johnny Octavio, por seu acolhimento, confiança e paciência.

E aqui, não poderia deixar de fazer um singelo agradecimento ante a grandiosidade de suas atuações em sala aula, aos professores que muito me marcaram e inspiraram por seus exemplos e auto exemplos, por ordem de contato: à Professora Idete, ao Professor Rogério, Professor Gilmar, Professor Miguel, Professora Patrícia e Professora Juliana. E aos demais professores a quem tive o prazer de conhecer.

Gostaria também de agradecer aos meus queridos colegas das várias turmas com quem tive o prazer de poder compartilhar essa empreitada.

E como agradecimento final, à Universidade da Integração Latino Americana - UNILA, por proporcionar essa imensa oportunidade de acesso ao ensino público de qualidade.

A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar.”

(Eduardo Galeano)

RESUMO

Os pressupostos teóricos desenvolvidos por Raúl Fornet-Betancourt em torno da filosofia intercultural, representam uma proposta de pensamento que proclama a salvaguarda das culturas autóctones. No desenvolvimento teórico dos seus postulados são apreciáveis diversas fontes universais como Marx, Sartre, Herder, Lèvinas, bem como a teologia e a filosofia da libertação latino-americana. Esta perspectiva, partindo do reconhecimento da diversidade cultural, pretende gerar um novo horizonte de compreensão diante do abismo histórico e cultural entre diferentes culturas e também projetar um pensamento diante da globalização neoliberal, tendente à sua aniquilação. O autor faz uma proposta através do diálogo intercultural, da identidade e da abordagem referida por ele como “desfilosofar a filosofia”, buscando superar a tradição clássica europeia e desenvolver uma filosofia latino-americana capaz de estabelecer um diálogo com diferentes culturas e tradições. Implicando, com isso, a ruptura com o paradigma eurocêntrico e a correspondente contextualização das raízes históricas latino-americanas. A proposta vislumbra um horizonte utópico de esperança para promover um projeto de convivência inclusivo e identitário.

Palavras-chave: Filosofia Intercultural 1; “desfilosofar a filosofia” 2; Reconhecimento 3; Diversidade 4; Convivência 5.

RESUMEN

Los presupuestos teóricos desarrollados por Raúl Fornet-Betancourt en torno a la filosofía intercultural, representan una propuesta de pensamiento que proclama la salvaguarda de las culturas autóctonas. En el desarrollo teórico de sus postulados son apreciables diversas fuentes universales como Marx, Sartre, Herder, Lèvinas, así como la teología y la filosofía de la liberación latinoamericana. Esta perspectiva partiendo del reconocimiento de la diversidad cultural, pretende generar un nuevo horizonte de comprensión contra el desfasaje histórico y cultural de las diferentes culturas y también proyectar un pensamiento contra la globalización neoliberal, tendiente a la aniquilación de las mismas. El autor realiza una propuesta a través del diálogo intercultural, la identidad y el planteamiento referido a “desfilosofar la filosofía”, pretendiendo superar la tradición clásica europea y desarrollar una filosofía latinoamericana capaz de establecer un diálogo con las diferentes culturas y tradiciones. Lo anterior implica el rompimiento con el paradigma eurocéntrico y la correspondiente contextualización de las raíces históricas latinoamericanas. La propuesta articula un horizonte utópico de esperanza en aras de fomentar un proyecto de convivencia inclusivo e identitario.

Palabras clave: Filosofía Intercultural 1; “desfilosofar la filosofía” 2; Reconocimiento 3; Diversidad 4; Convivencia 5.

ABSTRACT

The theoretical assumptions developed by Raúl Fonet-Betancourt around intercultural philosophy represent a proposal of thought that proclaims the safeguarding of indigenous cultures. In the theoretical development of his postulates, several universal sources are appreciable, such as Marx, Sartre, Herder, Lèvinas, as well as the theology and philosophy of Latin American liberation. This perspective, based on the recognition of cultural diversity, intends to generate a new horizon of understanding in the face of the historical and cultural abyss between different cultures and also to project a way of thinking in the face of neoliberal globalization, tending to its annihilation. The author makes a proposal through intercultural dialogue, identity and the approach he refers to as “dephilosophizing philosophy”, seeking to overcome the classical European tradition and develop a Latin American philosophy capable of establishing a dialogue with different cultures and traditions. This implies a break with the Eurocentric paradigm and the corresponding contextualization of Latin American historical roots. The proposal envisions a utopian horizon of hope to promote an inclusive and identity-based coexistence project.

Key words: Intercultural Philosophy 1; “dephilosophize philosophy” 2; Recognition 3; Diversity 4; Coexistence 5.

SUMÁRIO

BANCA EXAMINADORA	3
TERMO DE SUBMISSÃO DE TRABALHOS ACADÊMICOS	4
AGRADECIMENTOS	6
RESUMO	8
RESUMEN	9
ABSTRACT	10
1 INTRODUÇÃO	12
2 DESENVOLVIMENTO	17
2.1. A FILOSOFIA INTERCULTURAL NO PENSAMENTO DE RAÚL FORNET-BETANCOURT. PRESSUPOSTOS E PERSPECTIVAS	17
2.1.1 Referenciais histórico-filosóficos existentes na América Latina como antecedentes da filosofia intercultural	17
2.1.2 A recepção da filosofia europeia no pensamento de Fernet Betancourt	21
2.1.3 A relação de Fernet-Betancourt com a Filosofia Latino-Americana e a transição para a interculturalidade	27
2.2. AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS DE RAÚL FORNET-BETANCOURT EM TORNO DA FILOSOFIA INTERCULTURAL	33
2.2.1 Os pressupostos filosóficos do diálogo intercultural	33
2.2.2. A filosofia intercultural no pensamento latino-americano	38
2.2.3 Identidade como diálogo na filosofia intercultural de Raúl Fernet-Betancourt	46
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58

1 INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o surgimento da filosofia intercultural vem se desenvolvendo no continente latino-americano como uma perspectiva programática de orientação da Filosofia para as questões que tratam da cultura, da identidade cultural e, mais especificamente, para promover o diálogo aberto e a dignidade cognitiva de todas as tradições culturais em escala universal e latino-americana.

A ascensão e o desenvolvimento da filosofia intercultural constituem um fenômeno que vem ocorrendo em nível internacional. A América Latina experimentou esta emergência nas posições teóricas do desenvolvimento da própria Filosofia, e em grande parte porque a influência da filosofia intercultural permitiu encorajar e contextualizar o tratamento da diversidade cultural. A essência desses argumentos está relacionada com a lógica da evolução histórico-filosófica da filosofia latino-americana, onde o seu próprio desenvolvimento enfrentou desafios culturais, ideológicos e colonizadores.

Uma das emergências que a Filosofia na América Latina deve enfrentar é assumir uma reflexão autocrítica, o que implica estabelecer um diálogo com o passado histórico-filosófico, com as figuras e as linhas essenciais que nos permitiram configurar todo um esquema de pensamento centrado não apenas na esfera histórica e filosófica, mas também como expressão das articulações que devem ser formadas nas esferas do ensino-aprendizagem e da pesquisa (Fornet-Betancourt, 2004).

Na perspectiva do referido autor, a interculturalidade ainda representa um desafio que a Filosofia no continente deve assumir para compreender o tecido intercultural que caracteriza a realidade latino-americana.

Portanto, a abordagem teórica da filosofia intercultural neste continente pressupõe a análise de toda a evolução que o desenvolvimento da Filosofia teve desde a chegada do Ocidente, no quadro do enfrentamento da resistência cultural indígena e da imposição estrangeira. Conseqüentemente, é novidade, com a análise prévia dos antecedentes existentes, estudar em profundidade a forma como os eixos

teóricos da filosofia intercultural foram desenvolvidos nos argumentos filosóficos latino-americanos.

Raúl Fonet-Betancourt é uma das figuras representativas que expõe e desenvolve os argumentos da interculturalidade. Cubano de origem, desde muito jovem mudou-se para Porto Rico onde completou o seu ciclo escolar básico, mudando-se posteriormente para Espanha para estudar Teologia, curso que rapidamente trocou pela Filosofia, em Valência e posteriormente em Salamanca.

A partir daí, percebeu o seu interesse em abordar temas relacionados ao pensamento latino-americano. Suas atividades estudantis e sua oposição à ditadura franquista provocaram seu exílio na França, local onde incentivou seus estudos e formação filosófica, especialmente porque pôde interagir no campo acadêmico com figuras como Lévinas, Foucault e Jean-Paul Sartre. Radicado na Alemanha desde 1972, em Aachen, atua como professor de Filosofia em Bremen e de onde desenvolve seu trabalho de promoção de estudos sobre a América Latina, tendo também assumido cátedras visitantes em diversos países europeus e latino-americanos.

O percurso e as experiências obtidas em diversas regiões latino-americanas, sobretudo o conhecimento da história destas regiões, carregadas de uma elevada percentagem de culturas indígenas, sensibilizaram o seu pensamento para questões relacionadas com a interculturalidade.

Desde 1989, Fonet-Betancourt dirige o Departamento Latino-Americano do Instituto Científico-Missionário de Aachen, e a partir daí promove vínculos de colaboração em questões de filosofia latino-americana no continente. Representativo neste sentido é o programa de diálogo promovido desde 1989 entre a ética do discurso e a filosofia latino-americana de libertação, atualmente conhecido como Diálogo Norte Sul. Além disso, atua como coordenador de conferências interculturais de filosofia desde 1995. E é através destas atividades que vem encorajando consideravelmente a elaboração e o subsequente desenvolvimento dos pressupostos da filosofia intercultural. Uma das questões mais recorrentes que se percebe é a contribuição no sentido de conferir um caráter ético prático à discussão em torno da interculturalidade (Becka, 2010).

A direção das posições teóricas da filosofia intercultural no pensamento de Fonet-Betancourt esclarece a necessária transformação que a filosofia na América Latina deve sofrer para estabelecer uma convergência com a pluralidade de formas de expressão e práticas de filosofar. Neste sentido, é possível perceber como o autor situa o que realmente significa a interculturalidade,

no como una posición teórica ni tampoco el diálogo de y/o entre culturas, entre tradiciones filosóficas distintas, sino que interculturalidad quiere designar más bien aquella postura o disposición por medio de la cual el ser humano se capacita para vivir sus referencias identitarias en relación con los otros” (Fonet-Betancourt,2004, p.12)¹.

É importante destacar que para o autor investigado, a "filosofia latino-americana' está enquadrada naquelas formas de filosofar que fazem da Filosofia uma tarefa de reflexão contextual, ou seja, uma reflexão filosófica que, além dos pressupostos teóricos e metodológicos que a caracterizam, busca também, interpretar a gênese dos problemas filosóficos como problemas gerados no âmbito da discussão de contingências reais que merecem um confronto prático reflexivo com a realidade, que afligem uma época histórica específica e que devem ser assumidas sob o ângulo da filosofia.

O presente trabalho de investigação coloca como objeto de estudo as perspectivas da referida Filosofia intercultural no pensamento de uma das figuras mais representativas deste movimento teórico em escala ocidental. Este autor possui uma vasta obra sobre o tema, o que explica muito seu impacto direto na América Latina. Por essas razões, a pesquisa busca problematizar o seguinte problema de pesquisa:

“Como se articulam as perspectivas teóricas da filosofia intercultural que explicam o encontro entre a filosofia latino-americana e a filosofia intercultural no pensamento de Raúl Fonet-Betancourt?

E terá como hipótese de trabalho:

No pensamento de Raúl Fonet-Betancourt há um conjunto de pressupostos teóricos que permitem articular a filosofia intercultural com as exigências teóricas e práticas do filosofar latino-americano.

Levando em consideração o problema apresentado, propõe-se o seguinte objetivo geral, explicar através do presente trabalho, como se articulam as perspectivas teóricas da filosofia intercultural no pensamento de Raúl Fonet-Betancourt no contexto da filosofia latino-americana.

Como objetivos específicos, procura analisar os antecedentes histórico-filosóficos presentes no desenvolvimento das ideias filosóficas no continente que evidenciam a interligação com os pressupostos da filosofia intercultural.

Demonstrar a forma como os pressupostos teóricos da filosofia intercultural são tratados no pensamento de Raúl Fonet-Betancourt.

E, fundamentar a orientação prática, ética e política dos pressupostos da filosofia intercultural no pensamento de Fonet-Betancourt que sustentam a necessidade de uma nova orientação da filosofia latino-americana.

A metodologia utilizada para a realização do trabalho está em correspondência com as especificidades do tema em estudo. Foi utilizado o método de análise lógico e histórico para analisar e reconstruir as referências históricas existentes na América Latina que permitem uma articulação com os pressupostos e demandas contextuais do filosofar latino-americano e, por outro lado, revelar os elementos essenciais que estão presentes nos pensamentos de Fonet-Betancourt sobre filosofia intercultural.

Também foi realizada uma revisão bibliográfica de diferentes fontes, que se concentram no tratamento da filosofia latino-americana, nos problemas de cultura e identidade cultural, na historiografia filosófica universal e latino-americana, bem como na obra de autores representativos, especialmente na vasta obra do autor sob investigação.

Por sua vez, a análise e síntese permitiram avaliar as perspectivas teóricas, históricas e filosóficas relacionadas ao tema e sintetizar as informações para estruturar todo o andaime conceitual referente à lógica do pensamento do autor. Portanto, prevalece uma metodologia de trabalho qualitativa, onde predominam o

indutivo e o holístico, que leva em consideração todos os elementos e fenômenos que interagem com o objeto de estudo.

O trabalho está estruturado em dois capítulos:

O primeiro capítulo situa as referências histórico-filosóficas latino-americanas que se colocam como antecedentes dos pressupostos da filosofia intercultural. Também, como momento importante, trabalha-se a recepção da filosofia europeia no pensamento de Fernet-Betancourt, para posteriormente, no último momento, analisar o tratamento teórico da cultura em suas obras, espaço que inclui a análise de seu encontro com padrões e tendências de pensamento latino-americanos..

O segundo capítulo inicia a reflexão sobre a conexão entre filosofia e interculturalidade, eixos necessários para constituir a filosofia intercultural. Aqui aparece o processo de dois momentos importantes: a concepção de contextualidade e o problema da falsa universalidade, imperativos necessários no discurso intercultural do autor estudado, bem como as especificidades da globalização como momento essencial da filosofia intercultural.

Em segundo lugar, são explicadas as diretrizes relativas à transformação intercultural da filosofia, geridas pelo autor e, por fim, a dimensão prática, ética e política enunciada pela filosofia intercultural.

O tema em análise demonstra-se relevante e contemporâneo dentro dos movimentos de ideias que ocorrem hodiernamente e com grande destaque neste continente. A filosofia intercultural faz sentido no nosso momento histórico atual porque promove o intercâmbio entre culturas para transmitir as tradições e reservas culturais que existem hoje na humanidade. Da mesma forma, a necessidade de reorientar a filosofia latino-americana para os temas em análise da interculturalidade constitui uma exigência teórica e histórica, uma vez que a América Latina contém uma ampla vocação cultural e identitária que requer reconhecimento, diálogo e práxis.

Deve-se notar que embora existam vários trabalhos sobre o tema da interculturalidade, estes são representativamente focados a partir de dimensões e teorias educacionais e curriculares. O presente trabalho compõem-se então, de uma

perspectiva de estudo teórico e crítico, não apenas pela forma como os elementos do autor estudado se articulam em torno da interculturalidade, mas também aprofunda a inter-relação existente entre as referências históricas e filosóficas do desenvolvimento das Ideias latino-americanas, com o sistema teórico e prático da filosofia intercultural, mostrando sua relevância atual, como uma exigência do pensamento crítico latino-americano.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1. A FILOSOFIA INTERCULTURAL NO PENSAMENTO DE RAÚL FORNET-BETANCOURT. PRESSUPOSTOS E PERSPECTIVAS

2.1.1 Referenciais histórico-filosóficos existentes na América Latina como antecedentes da filosofia intercultural

O discurso filosófico da interculturalidade emerge na América Latina como parte da história social e intelectual do continente. As perspectivas historiográficas presentes no contexto latino-americano mostraram em sua evolução uma justificativa histórica para o desenvolvimento teórico da filosofia intercultural. As tendências mais representativas testemunham que a filosofia na América Latina começa propriamente com o chamado “Descobrimento” de 1492, ou seja, com a chegada da cultura europeia do Ocidente. (Kempf, 1958).

Segundo esta visão, não há diferença entre a filosofia na Europa e na América Latina, porque no continente latino-americano a filosofia passou do velho mundo para o novo mundo, um transplante de ideias ocidentais para terras latino-americanas. De acordo, com a evolução filosófica na América Latina, o que começa a ser produzido neste continente é um saber filosófico que reproduz a forma europeia. Por seu lado, a filosofia, por fazer parte dessa cultura, também reproduz o modelo cultural europeu.

É, portanto, muito recorrente apreciar perspectivas historiográficas, especialmente nos manuais de história da filosofia latino-americana, critérios que dividem a evolução filosófica dos países latino-americanos em etapas ou períodos que correspondem a períodos históricos de recepção das correntes europeias, como a escolástica, o iluminismo, o positivismo, entre as mais notáveis. A abordagem da problemática por esse ângulo, não situa grandes diferenças teóricas em relação à filosofia na Europa. É concebida como um transplante artificial que a coloca no contexto de sobreposição criado pela expansão cultural europeia. (Fornet-Betancourt, 2001). Este argumento é útil na medida em que explica porque a filosofia latino-americana surge completamente desvinculada das tradições das culturas originais, ignorando a racionalidade e a cosmovisão de mundo de cada uma delas, discutindo com as tradições do pensamento indígena, porque, essencialmente, na visão eurocêntrica, estas culturas não conseguiram conformar

plenamente a reflexão filosófica em sentido estrito, ou seja, o passo decisivo do mito ao logos, relegando assim as tradições indígenas e minimizando a necessidade de incluí-las como etapas ou como periodização da filosofia, da cultura e do pensamento latino-americano (Fornet-Betancourt, 2000).

Desta forma podemos encontrar, na história da filosofia latino-americana, a negação da pluralidade e a desvalorização cognitiva das tradições indígenas da América Latina. Esta perspectiva histórica, que é também uma história de violência epistemológica trágica, relevante para a filosofia, começa a mudar na segunda metade do século XIX, devido a dois acontecimentos históricos de grande significado para a reorientação da vida cultural e, especificamente, para a renovação filosófica no continente. Por um lado, a articulação explícita de um amplo movimento indigenista que exige justiça social e cultural para os povos indígenas e, por outro lado, as tentativas de criar uma filosofia que responda aos problemas e desafios específicos das sociedades latino-americanas.

No entanto, nas obras de muitos filósofos considerados “forjadores” da filosofia latino-americana (Arturo Ardao, Arturo A. Roig, Enrique Dussel, Francisco Miró Quesada, Luis Villoro, Leopoldo Zea, etc.) aparecem elementos importantes no marco de um amplo processo de contextualização e inculturação que contribui para o encontro da filosofia com a história e a cultura latino-americana. Este momento constituiu um passo importante na tomada de consciência do desafio que representava a interculturalidade porque sua estrutura programática supunha, acima de tudo, ter em consideração as complexas circunstâncias de transformação intercultural que vinham se desdobrando no contexto da filosofia no continente, e por outro lado, o reconhecimento das perceptíveis insuficiências contidas na filosofia latino-americana para poder enfrentar e responder aos desafios da interculturalidade.

Esses acontecimentos abriram caminho para um momento de maturidade e conscientização filosófica, que contextualiza a reflexão sobre os reais problemas do contexto latino-americano. Este momento trouxe um saldo positivo para o desenvolvimento teórico da filosofia, pois permitiu a aproximação entre cultura e filosofia na América Latina. De grande interesse nesta linha é o projeto de

recuperação das ideias filosóficas na América Latina na perspectiva do desenvolvimento de uma filosofia da história dos povos americanos. (Zea,1957)

É, então, quando começa a ser perceptível a diferenciação substancial da tradição filosófica latino-americana em relação à europeia. Colocando o foco da atenção reflexiva da história da América Latina a partir de uma perspectiva de libertação, a filosofia latino-americana volta-se para a busca das suas próprias fontes e começa a compreender-se a si mesma não mais como o eco distante do que se pensa na Europa, senão como expressão própria de um pensamento que pensa a condição periférica dos povos latino-americanos e suas tradições.

A partir deste momento, que pode ser situado na década de 1970-1980, se começa a falar não somente de uma diferenciação entre a filosofia latino-americana e a europeia, senão que se designa esta diferenciação como contextual. (Fornet-Betancourt, 2001). Ao tomar consciência do seu contexto e se redefinir como pensar contextual, a filosofia latino-americana assume a condição periférica e descobre que a filosofia europeia pensa a partir de outra condição de centro mundial construída pelo colonialismo.

Ao mesmo tempo, embora a filosofia latino-americana se esforce por se contextualizar, não logra se libertar completamente da herança europeia e continua a olhar incessantemente para a Europa. Como consequência do anterior, se mantém ainda uma relação deficiente com a cultura latino-americana no sentido de que não alcança perceber toda a sua complexa diversidade cultural, relacionando-se somente com uma parte representativa latino-americana.

Na maneira de explicar o desenvolvimento cultural latino-americano, se socorre às raízes da cultura mestiça para tentar fazer justiça a toda a complexidade cultural do seu contexto. Na realidade, como bem aponta Fornet-Betancourt, “este supuesto es falso porque si bien existe la cultura mestiza latinoamericana, esta no representa toda la cultura que existe en América Latina.” (Fornet-Betancourt, 2008, p.89). Seguindo a lógica expositiva do autor, junto a essa América Latina mestiça, estão muitas outras Américas indígenas e afro, existindo maior pluralidade cultural com as tradições Kuna, Guarani, Mapuche, do que se nomeia cultura mestiça (segundo Censo 2010, havia no Brasil, naquela época, 305 etnias de indígenas, com

274 línguas). Conseqüentemente, a filosofia latino-americana não deve se identificar apenas com a cultura mestiça, porque não estaria estabelecendo verdadeiramente um diálogo e reconhecimento intercultural, nem tampouco reconhecendo a diversidade cultural existente.

Na perspectiva crítica da exigência que reclama a interculturalidade enquanto encontro da filosofia com a sua própria realidade que tem permitido a formação da filosofia latino-americana, deve se apontar que esta interconexão tem sido limitada e insuficiente, pelo fato de que a filosofia não tem recepcionado o tema da diversidade cultural como uma reflexão filosófica, apesar das tentativas de voltadas nesse sentido. Pelo contrário, se constata o impulso de ‘...la vigencia normativa del canon establecido por la tradición académica centroeuropea en la metodología filosófica...’ (Fornet-Betancourt, 2004, p.25).

Resulta igualmente importante mencionar o fato de que o projeto do filosofar latino-americano tem se centrado fundamentalmente na tendência de redução da realidade cultural da América Latina à chamada “cultura mestiça”. Como bem salienta Fornet-Betancourt, esta cultura é realmente latino-americana, produto de transformações interculturais, mas, ao mesmo tempo, nem toda a América Latina é mestiça, portanto, a mestiçagem cultural latino-americana não representa suficientemente a diversidade cultural latino-americana. Embora seja uma figura concreta da pluralidade cultural do continente, mas, apresentar a mestiçagem como expressão da cultura latino-americana representa não somente uma incompreensão histórica e teórica do processo, senão também um ato de colonialismo cultural que dilui as diferenças e acentua a marginalidade do outro.

Neste sentido resulta impostergável que o desenvolvimento da filosofia latino-americana, se constitua como uma necessidade de estabelecer o reconhecimento da diversidade cultural, de potencializar o diálogo entre elas, de inserir o tema da cultura no contexto da reflexão filosófica, para que possa ser percebido o impacto da filosofia intercultural e a necessidade de sua influência. Também é um desafio para a busca de novos métodos que permitam a abertura à pluralidade cultural existente na realidade latino-americana.

2.1.2 A recepção da filosofia europeia no pensamento de Fernet Betancourt

A recepção da filosofia europeia no pensamento de Fernet-Betancourt passa por dois momentos representativos que podem ser qualificados como intrínsecos a própria evolução teórica de seu pensamento.

Inicialmente no autor se percebe a influência do humanismo ético-crítico, originado no pensamento judaico-cristão e que posteriormente foi se ampliando por diferentes pensadores como Herder, Marx, Sartre, Lévinas e pela própria filosofia da libertação. Nessas concepções encontrou interconexões que, apesar de suas especificidades, representam a “HUMANIDADE”, num sentido genérico que envolve o ser humano em sua atividade sócio-histórica (Becka, 2010).

A caracterização da subjetividade que encerra a existência humana, está direcionada eticamente pelos postulados teóricos de Fernet-Betancourt., porque ele concebe essencialmente o desenvolvimento da existência humana nos limites da tradição humanista libertadora em que, de acordo com seus critérios, se desenvolve a humanidade que tem sido negada ao ser humano (Fernet-Betancourt, 2000).

Neste sentido se percebe uma forte influência de Jean-Paul Sartre, pensamento com o qual realizou diversas confrontações com perspectivas críticas. Recebeu a influência de Sartre em relação a situar as arestas do pensamento teórico conectado a uma situação e contexto concretos. Essa forma de contextualização do pensamento que desenvolve em seus postulados teóricos a partir da influência de Sartre, possibilitou que explicasse a possibilidade da superação da dicotomia entre o universal e o particular. Posteriormente, na forma em que foram se configurando seus conceitos, analisa os postulados de Sartre em função de revelar a significação ético-prática da mesma.

Essa perspectiva marcou um momento importante no desenvolvimento teórico de seus enunciados filosóficos e imprimiu uma marca pessoal a forma do filosofar do autor. Essas constatações são refletidas quando ele aponta:

“El esbozo ético de Sartre quiere ser entendido como la perspectiva de un proceso abierto para dar sentido a la historia de la frágil emancipación del hombre a través de una praxis libertadora”(Fernet-Betancourt,2005).

Fornet-Betancourt percebeu no esboço teórico de Sartre a explicação de uma práxis libertadora geradora da liberdade humana individual sobre a base de uma práxis comum, que ao promover uma comunidade de ação para libertar o homem das ataduras humanas, não entra em confronto com as reais condições materiais da vida, com as estruturas econômicas, senão que coloca como proposta uma prática de solidariedade para enfrentar as estruturas dominantes. Em períodos posteriores se produziu uma virada radical nesta forma de receber o pensamento de Sartre, para proclamar um pensamento focado a partir de uma perspectiva ético-prática.

Apesar disso, Fornet-Betancourt identificou-se com o interesse de Sartre em fazer a partir de uma posição de alteridade, a partir de um olhar sobre a “existência do Outro”. Para Sartre, o Outro não representa o objeto do conhecimento, nem a ideia reguladora do corpo. A relação com o Outro tampouco é uma relação gnosiológica, e sim de existência, de ser, por isso, para ambos, o mundo é uma relação de intersubjetividade.

Seguindo a lógica hegeliana, Sartre deixa claro que o caminho para a mesmidade passa necessariamente pelo caminho do Outro. Não obstante, Sartre critica Hegel pelo feito de ter identificado o Ser com o conhecimento, distanciando-se desta forma da compreensão ontológica do Outro como em Heidegger, pois de acordo a suas considerações, superdimensiona o aspecto genérico, impedindo a claridade a perspectiva concreta do Ser.

Nesse sentido, Fornet-Betancourt considera um aspecto positivo o interesse demonstrado por Sartre em conceber o Outro como Outro concreto, o Outro como aquele com o qual se produz o encontro concreto e não o Outro individual que desaparece na generalidade. Porém, apesar da forma como valoriza esta perspectiva de Sartre, chega à conclusão que, em última instância, ela não permite situar o Outro realmente no espaço social concreto de sua existência, é dizer, na sua interconexão com a práxis.

Portanto, o autor objeto de estudo logra perceber a distinção entre o Outro concreto e o Outro que representa uma construção abstrata. Essa construção abstrata, de acordo à visão do autor, entorpece e obstaculiza o Outro concreto, em

seu acionar social, pelo que propõe então um encontro dialógico, de interação social.

Com esta crítica à visão abstracta do Outro de Sartre, inicia um notável esclarecimento de Fernet-Betancourt a respeito da impossibilidade de vislumbrar em Sartre a significação do social e de suas correspondentes interações. Contrariando o autor francês ele fundamenta seus enunciados numa dimensão dialógica e na intersubjetividade, é dizer, de ser o uno para o outro, contrapondo a ideia heideggeriana de ser-com para a perspectiva do ser-com concreto como uma estruturação básica do ser humano o que abre diversas possibilidades (Becka,2010).

Neste período de desenvolvimento teórico ainda está distante a concepção de como articular uma filosofia intercultural. Esta controvérsia teórica com Sartre não constituiu uma posição acrítica com a filosofia europeia em tanto logra superar o solipsismo de Sartre e propor uma intersubjetividade e uma dialogicidade que seriam modificadas em períodos posteriores no encontro com outras tendências de pensamento, num importante processo de articulação com a perspectiva intercultural.

De acordo aos argumentos que sustenta a pesquisadora Diana Vallescar, realiza uma proposta sobre as diferentes etapas que configuram o pensamento de Fernet-Betancourt (Vallescar, 2000). A primeira representa uma recepção acrítica da filosofia europeia, que se estende desde 1978 até 1985 aproximadamente. No final desse período e devido ao interesse que a filosofia latino-americana ocupa no esquema de pensamento do autor, começam a se refletir as modificações essenciais em seus postulados.

Este primeiro período é sucedido pelo desenvolvimento da filosofia intercultural. Entre 1987 e 1994, etapa que marca essencialmente um novo paradigma do filosofar no autor. Só podemos realmente falar de filosofia intercultural no pensamento de Fernet-Betancourt a partir do início da década de noventa do século XX, percurso que esteve caracterizado por rupturas e momentos de desenvolvimentos hermenêuticos e teóricos.

O entusiasmo pela filosofia europeia representou um elemento catalisador das novas preocupações que foram percebidas desde a década de oitenta pelos temas da filosofia latino-americana e as perspectivas das Ciências Sociais. Como bem foi apontado pelo autor, seus primeiros anos na Europa foram caracterizados por um forte entusiasmo pela filosofia europeia, salientando a este respeito:

“Me entusiasme por los grandes problemas de la filosofía europea y creía en lo que me decían: que la filosofía es una, perenne y siempre la misma. Creí que había una filosofía universal. Pero empiezo a replantearme esta idea cuando me cuestiono por la experiencia de la Revolución cubana y, de manera especial, por su impacto en la renovación de las Ciencias Sociales que lleva al proyecto de desarrollar un pensamiento contextual a la altura de las exigencias históricas de las sociedades latinoamericanas. Se inicia así un proceso autocrítico por el que me doy cuenta de que esa filosofía universalizante, universal y perenne no es una filosofía que me ayuda a afrontar los problemas concretos” (Fornet-Betancourt, 2006).

Portanto, na confrontação com a visão universalizante da filosofia, Fornet-Betancourt expõe como primeiro termo, que o defeito fundamental de grande parte da filosofia ocidental dominante, tanto nos seus sistemas metropolitanos originais como nas suas formas “inculturadas” na Ásia, África e América Latina, é a busca por razões absolutas e de evidências apodíticas (Fornet-Betancourt, (2006).

Durante o processo de assimilação da filosofia europeia, o autor centra-se na problemática da existência ou não de uma filosofia latino-americana e o contexto histórico-cultural de sua emergência. Dentro desta discussão, Fornet mantém uma concepção da filosofia entendida como um quê fazer essencialmente humano, vinculado à sua concepção histórica.

Esta perspectiva histórica não sobrepassa de ser uma categoria ocidental, sem que forme parte e afete a essência do próprio “filosofar” (Cerón, 2010). Do que se trata neste momento é de uma concepção da filosofia que contém um núcleo duro nascido no âmbito europeu e no qual se insere às demais tradições culturais para serem consideradas como filosofia. Daí que o eurocentrismo filosófico seja para ele a compreensão de que a filosofia “sin más”, é aquela gerada pelo pensamento ocidental europeu.

Este modo de entender a filosofia fez que o autor considerasse que aquilo que se denomina na América Latina como filosofia, não seja mais que a adaptação do núcleo essencial da filosofia europeia por parte dos intelectuais latino-americanos, ressaltando que:

“...me limito a recalcar el aspecto de que se da incluso en el interior de la misma producción filosófica latinoamericana, porque una buena parte de esta no puede sino entenderse como filosofía de procedencia europea; vale decir: no saber pensar filosóficamente sino lo hace a la europea”(Fornet-Betancourt,1992).

Esta primeira forma de conceber a filosofia vai mudando ao realizar uma releitura do pensamento latino-americano, onde explica e sistematiza o problema da contextualização e inculturação da filosofia latino-americana.

Posteriormente, na etapa de inflexão, que vai entre 1984-1986, a preocupação com a inculturação da filosofia latino-americana se dirige a considerar que nela se tenha logrado a autoconsciência necessária para estabelecer uma discussão em condição de igualdade com a filosofia europeia. Desta forma configura o princípio orientador da inculturação e contextualização sobre o qual assenta a sua plataforma filosófica que aponta para o descentramento da razão filosófica.

Ainda que com a categoria de inculturação se avança no reconhecimento da originalidade da filosofia latino-americana, o autor considera que esta categoria representa uma sutil colonização do outro, enquanto a culturalidade se erige como uma alternativa para quebrar de maneira definitiva o antigo paradigma eurocêntrico em que se movia a categoria da inculturação.

Esta visão eurocêntrica deixava assentada que o outro não tem direito sequer a existir, sendo apagado do cenário da criação filosófica. Embora Fornet defendesse a necessidade da inculturação e contextualização da filosofia, a entendia naquela época dentro de um modelo em que a filosofia possuía um núcleo ou logos que se mantinha intacto, e esse logos ou núcleo essencial era aplicado a cada cultura e contexto filosófico particular.

Nesta momento, o autor não compreendia realmente que os modelos de inculturação continuavam a ser dominados por uma concepção do logos filosófico da tradição ocidental.

Apesar das leituras que fez das obras de Marx, onde a filosofia se entronca com os aspectos políticos e ideológicos, em tanto potencializavam a crítica à sociedade capitalista, Fonet-Betancourt, em seu distanciamento inicial da filosofia latino-americana, manifestou seu temor de que a filosofia se deixasse envolver ideologicamente, é dizer, conduzida e influenciada por determinados interesses políticos. Na opinião do autor, quando isso acontecia, a filosofia perdia o seu potencial crítico, assinalando a respeito: “Não me agradaria ver a filosofia reduzida à política” (Fonet-Betancourt, 1985). Por estas razões pode-se apreciar inicialmente uma rejeição à filosofia da libertação, a qual utilizou a metodologia marxista para analisar e projetar os problemas do contexto latino-americano.

Contudo, sua posição foi mais nítida e benevolente em relação à teologia da libertação, pelo ponto de convergência com as injustiças sociais e seu posicionamento prático nas propostas de trabalho nas comunidades eclesiais de base, chegando a considerá-la como “menos instrumental que la filosofía de la liberación en esa época” Fonet-Betancourt, 1987).

Ademais, seu distanciamento também esteve fundamentado pelo que considerou como “excesso de latino-americanismo”, é dizer, o perigo de uma idealização e de construção de uma identidade latino-americana a qual considerava uma utopia e uma invenção, na medida em que se lhe outorgava significação ao latino americano somente em seu contexto.

2.1.3 A relação de Fonet-Betancourt com a Filosofia Latino-Americana e a transição para a interculturalidade

A confrontação ou encontro com a filosofia latino-americana a partir da centralidade da filosofia europeia e a filosofia inculturada foram inicialmente os pontos problemáticos para analisar o giro inovador que precisava a filosofia latino-americana diante da diversidade de saberes culturais que se perfilavam no continente.

Para Fernet, a centralidade da filosofia europeia, assim como o tratamento do inculturado, não permitiam explicar o giro que requeria a filosofia latino-americana, pelo que considerou que o termo adequado era o modelo da interculturalidade da filosofia. Com essa perspectiva, a filosofia se encaminhava para superar a ideia da racionalidade herdada da tradição ocidental.

Nesse sentido, o autor desenvolve uma crítica frente a qualquer compreensão monocultural do logos filosófico; é dizer, ao eurocentrismo universalista na compreensão de dito logos (Ceròn,2010).

De grande relevância nesta perspectiva é sua reflexão no processo de explicar do descentramento da razão. Em seu artigo “Filosofía latinoamericana: ¿posibilidad o realidad?”, do livro Estudios de Filosofía Latinoamericana (1992), desenvolve sua proposta da condição plural da razão, assinalando que a razão é constitutivamente plural nas formas que vão marcando esse processo de trânsito em direção ao que queremos chamar de razoabilidade da razão, em cuja luz pode se manifestar algumas de suas formas racionais como não razoável. Por isso aponta que:

“la razón nos sale al paso, en filosofía, en modelos, formas o tipos de racionalidad que manifiestan no la diferenciación de una facultad universal, sino más bien la pluralidad básica de las regularidades que según los contextos y situaciones de vida se van condensando en formas reconocidas como racionales” (Fernet-Betancourt,1994).

A racionalidade se trata então de uma dimensão, de uma via de razoabilidade da razão, enquanto que a razoabilidade é a dimensão interna da razão que propicia as diferentes informações da razão. Portanto, a razoabilidade é o que incita ao diálogo, ao encontro entre os diversos e diferentes, em favor de um coletivo; enquanto que a racionalidade se mantém limitada em uma só razão, defendendo o monocultural, o monodisciplinar na atividade filosófica.

É neste momento onde Fernet deixa para trás: *“el modelo de filosofía latinoamericana como filosofía inculturada, tal y como se venía trabajando en la filosofía de la liberación, y pasa a operar con el principio rector de la culturalidad de la filosofía”*.(Fernet-Betancourt,)

Fornet-Betancourt faz uma análise autocrítica da filosofia inculturada, porque esteve convencido de que os postulados proclamados pelo paradigma da inculturação na filosofia favoreceriam o giro que necessitava o pensamento latino-americano para fazer reconhecer a validade dos contextos latino-americanos frente ao modelo europeu.

Se em um início recepciona a ideia da inculturação foi porque a considerou como uma perspectiva fecunda para empreender o trabalho de fundamentação teórica de uma filosofia latino-americana. A proposta da inculturação se apresentava como um modelo de pensamento separado da recepção imitativa da filosofia ocidental. Nesse sentido, é observável no autor a pegada do pensamento de José Martí, para o qual era preciso o estudo do estrangeiro, mas não numa condição de repetição, senão no aspecto de extrapolar às condições históricas latino-americanas o pensamento universal. Seguindo na mesma direção do pensamento de Martí, a inculturação implicaria o reconhecimento de um “tronco” comum que deveria se implantar em outras realidades, para obter resultados próprios sem perder a identidade e originalidade a latino-americana.

A partir deste deslinde, Fornet-Betancourt explica o que significa a interculturalidade: *“Interculturalidad supone diversidad y diferencia, diálogo y contraste, que suponen a su vez procesos de apertura, de indefinición, e incluso de contradicción...”* (Fornet-Betancourt, 2006). Ao mesmo tempo, na evolução de seu pensamento, conjuntamente com a explicação do que significa o intercultural, está a explicação do que representa essencialmente a cultura, como processo social, onde o homem reafirma sua condição histórica em um processo de produção e autoprodução das relações concretas nas quais se desenvolve.

Para o autor, *“la historia de las culturas constituye un proceso social, de conflictos, donde se define el rumbo de las culturas y donde se descubre que estas son pluritradicionales”* (Fornet-Betancourt, 2004), é dizer, que existem muitas tradições dentro de cada cultura. Na gênese social das culturas o autor percebe o conflito de tradições que se dá em seus processos constitutivos, que é também uma luta pelo poder, porque, de acordo ao que ele explica, a leitura social na análise das culturas implica a dialética de opressão/libertação, é dizer, a luta pelo

reconhecimento das mesmas, pela sua inclusão nos processos civilizatórios, pelo direito à conservação de suas terras e habitat, e pela inclusão de suas reivindicações nos projetos políticos e sociais.

A cultura no entanto representa para o autor um conceito aberto e dinâmico, os

“..horizontes históricos de comprensión y acción que deben ser concretizados sistemáticamente por hombres concretos, los cuales no interpretan unitariamente ni traducen uniformemente aquello que en cada caso representan su propia cultura. Para la dinámica interna de una cultura no es importante solo la confirmación de su tradición, más bien su modificación, por tanto, la dialéctica se refiere a la innovación y a la tradición... (Fornet-Betancourt, 2001).

As teses sobre a cultura que proclama deixam assentado que não existe diversidade cultural na história humana, mas sim diversas tradições no âmbito de uma mesma cultura, as quais abrem espaços para as diversidades biográficas dos seus membros. Por isso, uma cultura sempre apresenta novos conflitos entre determinação e libertação. A *desobediência cultural* descreve a práxis libertadora que enfrenta a opressão e a exclusão.

A filosofia intercultural explica desde seu âmbito a concepção sobre a desobediência cultural. Na relação com o anterior, o autor postula sete teses elucidativas, conforme a seguir descritas.

1. A desobediência cultural emerge do interior de uma cultura como crítica de sua forma
2. Fortalece o direito que tem cada membro de uma cultura de considerá-la mutável pela interação
3. A filosofia intercultural deve assumir a desobediência cultural e a experiência e o contraste entre as diferenças culturais
4. Cada pessoa pode se colocar em uma relação com sua cultura, chegando a modificá-la.

5. A desobediência cultural conduz a uma práxis de libertação quando liberta e fortalece as heranças libertadoras contra o poder cultural hegemônico.
6. É uma expressão da opção ético-libertária em favor dos oprimidos.
7. “Impide la sacralización de culturas y exhibe las identidades culturales como lo que son realmente: procesos conflictivos” (Fornet-Betancourt, 1994, pp.66- 69).

Contudo, nesta explicação referente à desobediência cultural não aparece explicitado o fato de que toda representação do cultural pressupõe uma estrutura de poder na qual se assentam essas culturas. Essa interação com o poder é o que lhe confere o caráter de práxis de libertação, enquanto a cultura começa a confrontar e questionar esse poder.

Uma questão importante no marco desta análise é o referido ao significado da emergência da filosofia intercultural para o desenvolvimento da filosofia na América Latina. Neste ponto, se bem é certo que com o desenvolvimento da filosofia intercultural cobra força o reconhecimento da diversidade cultural, a promoção do diálogo entre elas e seus respectivos auto-reconhecimentos dos espaços de interação, é absoluta a exposição do autor acerca do que é a filosofia intercultural a que descobre a diversidade cultural do contexto latino-americano (Mejías, 2018).

As próprias perspectivas historiográficas latino-americanas dão conta das omissões em que têm incorrido as diferentes tendências e autores ao não incluir na evolução filosófica do continente o tema das culturas, da sua diversidade e racionalidade quando à hora de explicar as diversas cosmovisões que as caracterizam.

Mas essa diversidade só tem sido evitada na exposição das ideias filosóficas no continente, o que não significa que a filosofia intercultural tenha descoberto realmente que a América Latina é diversa e pluricultural. No que sim, se concorda, é com o fato de que a história da filosofia latin-americana é a negação dessa pluralidade, e mais concretamente, a história da desvalorização cognitiva das tradições indígenas da América Latina (Fornet-Betancourt, 2007).

Existem dois processos importantes que, de acordo ao exposto pelo autor, marcam um ponto de virada na reorientação da vida cultural e filosófica latina-americana, a partir da segunda metade do século XIX: o amplo movimento indígena que exigia justiça social e cultural para os povos indígenas e, por outra parte, o lançamento do processo para elaborar uma filosofia latino-americana que desse resposta aos desafios concretos das sociedades latino-americanas. Significativo também foi o fato de que quase um século depois, em meados do século XX, Leopoldo Zea inicia o projeto de recuperação das ideias filosóficas latino-americanas desde a perspectiva da contribuição para a emancipação mental e como base para a articulação de uma filosofia da história dos povos latino-americanos.

Fornet-Betancourt concebe este momento como a diferenciação substancial entre a tradição filosófica latino-americana e a herança europeia, porque, ao colocar a filosofia latino-americana no foco da atenção reflexiva sobre a questão da libertação, começa a se compreender de outra forma, como própria expressão de um pensamento que pensa a condição periférica dos povos Latino-americanos e suas tradições (Fornet-Betancourt,2008).

Esta etapa de desenvolvimento da filosofia latino-americana se radicaliza aproximadamente entre 1970-1990, momento em que se desenvolve a filosofia latino-americana como uma forma explícita de filosofia contextual, fazendo-se sentir o impacto da interculturalidade, e, por outro lado, onde se esclarece teoricamente o papel desempenhado pela “mestiçagem cultural” na compreensão e autocompreensão do desenvolvimento cultural latino-americano.

Fornet considera que o pressuposto de explicar o desenvolvimento cultural Latino-Americana com raízes na cultura mestiça, é falso. É indiscutível que existe a cultura mestiça latino-americana, mas ela não representa toda a cultura existente na América Latina. Junto a esta cultura mestiça há muitas outras Américas Indígenas e Afro: a kuna, guarani, mapuche, entre outras. Como bem propõe o autor, uma filosofia latino-americana que interage somente com a cultura mestiça não se encontra em condição de dialogar com toda a diversidade cultural dos povos latino-americanos.

Desta forma o autor esclarece as distorções que, desde as posições e estudos sobre a identidade cultural latino-americana se discutiam nos espaços acadêmicos e de pesquisa, e onde por conseguinte a mestiçagem analisada a partir deste enfoque constituía um dos elementos inerentes da identidade cultural latino-americana.

2.2. AS CONCEPÇÕES TEÓRICAS DE RAÚL FORNET-BETANCOURT EM TORNO DA FILOSOFIA INTERCULTURAL

2.2.1 Os pressupostos filosóficos do diálogo intercultural

A direcionalidade ou “transformação intercultural” da filosofia delineada por Fonet-Betancourt pressupõe um desenvolvimento teórico sobre o que significa na contemporaneidade o “diálogo intercultural”.

“La filosofía intercultural refiere una forma de filosofar contextual que comienza con la toma de conciencia del arraigo y de la situacionalidad de la vida...” (Fonet-Betancourt, 2009). Esta visão da contextualidade não significa uma oposição à comunicação nem à procura da universalidade, só que estes intentos de irromper no universal devem encaminhar-se não pelo sentido da conceptualização abstracta e formal, mas que a verdadeira contextualidade deve ser alinhada com uma perspectiva histórica da vida humana em toda sua pluralidade, porque, em última instância, se desenvolve justamente através dos processos contextuais de intercâmbio e de mútuas interações com o social.

Nesse sentido, para o autor, o filosofar contextual que proclama a filosofia intercultural, implica a expressão de uma filosofia que toma a responsabilidade contextual como uma condição necessária para estabelecer o diálogo com as diversidades onde se aprende a compartilhar as diferenças e a solidarizar-se com elas nas expressões culturais. do outro, é dizer, “*donde se aprende a ser universales compartiendo contextualidades*” (Fonet-betancourt,2009, p.130).

De igual forma, o caráter contextual da filosofia implica o fato de que ela pode ser definida e articulada desde uma relação de essencial contemporaneidade com o tempo em que ele se desenvolve. Este vínculo com o tempo e o espaço histórico significa a atualização como filosofia desde o presente histórico que caracteriza sua

situação concreta. Portanto, neste âmbito, a contextualidade se expressa como “atualidade”, para o tempo histórico, para o presente, e para as “atualidades” que configuram o tempo presente.

A filosofia para o tempo presente, de acordo ao que explica Fornet-Betancourt, significa compromisso histórico com a tarefa de fazer que a filosofia assuma as exigências e problemáticas dos contextos sociais. O exercício de filosofar intercultural deve mostrar a atitude ou disposição crítica e ética; por conseguinte, deve acrescentar na lógica expositiva do autor, que esta opção implica substancialmente situar-se na diversidade cultural destruída e aniquilada pelas empresas coloniais imperiais das quais a humanidade tem sido vítima produto dos efeitos da modernidade capitalista da centro europeia.

A ideia da filosofia com a qual opera a interculturalidade permite compreender como no contexto do diálogo intercultural as filosofias se veem confrontadas com a exigência de transformação em cujo marco a tarefa autocrítica de repensar os pressupostos do discurso se erige com condição para a participação no processo de identificação dos supostos filosóficos do diálogo intercultural. O contexto intercultural revela-se neste sentido como o lugar de “transformación de eso que se denomina filosofía y de eso que, desde cualquier filosofía constituida, se identifica como supuestos filosóficos del diálogo intercultural “ (Fornet-Betancourt,2001, p.210).

Nesta perspectiva é de vital importância para o autor compreender como se produz o impacto do intercultural no trabalho filosófico, assim como a transformação intercultural da filosofia como um processo de aprendizagem. Abordar a problemática desde uma posição filosófica que toma consciência da procedência cultural destes pressupostos, acarreta à percepção da relação que estes guardam com o tema do intercultural, enquanto condicionam estes pressupostos filosóficos.

A ideia para o autor radica no frutífero que resulta o contexto da discussão sobre o aporte e função da filosofia no diálogo intercultural, o fato de não partir de programas, senão aceitar a pluralidade de tradições filosóficas existentes na América Latina, partindo de uma filosofia articulada, para posteriormente propor a

partir dela o que poderiam ser considerados supostos filosóficos no diálogo intercultural.

O desafio da transformação intercultural que representa o diálogo intercultural para as filosofias constituídas não supõe a superação da pluralidade filosófica num pensamento metacultural onde se imporia a convergência dissolvente das polaridades e das tensões teórico-práticas das culturas. Esse desafio refere-se antes a cultivar uma forma de compreender a pluralidade de filosofias. Também não pressupõe a criação de uma nova filosofia, mas antes a criação de um vínculo ou interação entre elas, conscientes de que, através das referências a diferentes matrizes culturais, todas contribuem para o processo de intelecção e orientação da realidade a partir de um “sotaque comum”, que identifica-os, mas não os separa, no processo de articulação da situação, no que “Sartre veía como la dialéctica de la singularidad de lo universal y de la universalización del singular” (Fornet-Betancourt, 2001).

A partir de Sartre, o autor traça os pontos essenciais para esclarecer o que se refere aos pressupostos filosóficos do diálogo intercultural, regressando essencialmente a uma tradição filosófica de conhecidas raízes ocidentais que teve em Sartre um dos momentos mais densos, segundo o que ele qualifica como o tradição, universalizando um humanismo ético-racional.

Na perspectiva desta tradição, o autor aponta como primeiro pressuposto filosófico o “universal singular” na concepção do ser humano, que garante a sobrevivência histórica da subjetividade nas culturas e em todo o processo da história humana. Desta forma, cada universo cultural específico tem de singularizar a sua situação cultural e refazer o significado que lhe transmite. No processo de apropriação cultural, o ser humano transculturaliza-se, ou seja, repensa a questão do sentido no seu universo cultural de origem e assim estabelece, a partir da sua situação concreta, a possibilidade da universalidade como movimento de intelecção argumentativa, uma vez que questiona no sentido constitui de facto um sinónimo de universalização do singular, ou uma tentativa de comunicação e interacção na diversidade (Fornet-Betancourt, 2001).

Como segundo pressuposto filosófico do diálogo intercultural, o autor alude à reflexão subjetiva, para nomear a invariante antropológica desse tipo de reflexão que qualifica cada ser humano em qualquer universo cultural específico como fonte de exterioridade e indeterminação.

O autor explica que não há reflexão subjetiva sem situação cultural; Mas, ao mesmo tempo, a reflexão subjetiva não é um simples reflexo da cultura, mas antes a condição em que a cultura se desenvolve e que, a partir dessa experiência, é continuamente projetada para além daquilo que nela se constitui. Esta reflexão permite ao ser humano, segundo explica Fernet-Betancourt, conhecer e possuir a visão de mundo que o caracteriza e a ele como ser humano.

Essa formação crítico-reflexiva não só possibilita o diálogo com o outro, mas também lhe dá direção e sentido. Através do exercício da reflexão subjetiva, cada ser humano torna-se um ponto de apropriação e totalização que ultrapassa os limites do seu universo cultural, ou seja, o moral, o político, o jurídico, etc., para confrontá-lo com suas opções e projetos.

Um terceiro pressuposto filosófico é colocado pelo autor no cultivo da liberdade como núcleo duro da reflexão subjetiva. Como variante antropológica, toda cultura ou modo de vida socialmente organizado e politicamente eficaz deve ser permanentemente justificado. Se a reflexão subjetiva é o que impede que um universo cultural específico se torne uma estrutura de coerência aprisionadora para os seus membros, é a liberdade como processo de singularização e universalização que questiona a dinâmica de estabilização das culturas, afirmando nelas projetos subjetivamente diferenciados, cuja realização não somente exigiria uma nova organização estrutural do mundo cultural, mas também o êxodo deste universo.

Conforme observado acima, a liberdade impede então a *colonização civilizatória* da reflexão subjetiva, ou seja, é a condição para que em qualquer universo cultural específico, qualquer universal singular possa ter o direito de se rebelar e buscar alternativas além de uma situação cultural determinada, direcionando a ação comum com todos aqueles que projetam sua singularização a partir da universalização “ del reino de la libertad” (Fernet-Betancourt, 2006).

O pressuposto da racionalidade decorre também da assimilação que encontramos no autor no que diz respeito às considerações de Sartre sobre as invariantes antropológicas, entendida, neste caso, como constitutiva e organicamente ligadas à invariante antropológica da liberdade humana. Para Fernet, o exercício da razão supõe a liberdade, a razão é uma necessidade da liberdade (Fernet-Betancourt, 2001).

Seguindo a perspectiva expositiva do autor, se o homem é livre, ele é obrigado a ser racional, ou seja, a dar razão a si mesmo e aos outros, sobre os modos e motivos que tem para compreender, explicar a vida, sua atuação no mundo, etc. A liberdade, segundo Sartre, é concebida não como uma razão culturalmente estabilizada ou constituída, mas antes como a qualificação da liberdade como subjetividade reflexiva, o que é razoável se explicita a singularização da liberdade.

Porém nesta parte Fernet-Betancourt fica sem explicar que a liberdade é também um exercício de coletividade, de raízes sociais, e que a racionalidade ou conscientização da liberdade passa pelo conhecimento da necessidade que implica ser livre, emancipar-se.

Nesse sentido, é necessário salientar que a liberdade torna-se racional com o conhecimento e o exercício da necessidade, o que pressupõe agir para transformar. Portanto, nesta ação de tentar explicar o racional sob o ângulo da cultura, negligencia-se o fato de especificar, antes de tudo, como essa liberdade se concretizaria e qual o papel que a cultura desempenha no processo de emancipação humana.

Esses pontos são importantes para classificar como crítico qualquer pensamento reflexivo que permaneça fora do questionamento das estruturas sociais, que em última análise explicam a necessidade de liberdade. Da mesma forma, por ser uma proposta filosófica que “*desfilosofa*” o projeto hegemônico de uma cultura sobre outra, protege o pensamento de todos os condicionamentos ideológicos e alienantes, faria então sentido promover, no contexto do diálogo intercultural, a crítica radical à razão da modernidade, que se estabelece como a práxis formal e material de todos os seres humanos (Màrquez, 2013).

Esta característica representa, no entanto, a razão que torna realmente difícil apontar um denominador comum às abordagens do diálogo intercultural no encontro entre teoria e práxis, nas propostas “desalienadoras” e emancipatórias na América Latina.

2.2.2. A filosofia intercultural no pensamento latino-americano

A interculturalidade surge hoje a partir das mudanças que ocorrem na sociedade marcada pela globalização neoliberal, pela diferença cada vez maior entre ricos e pobres, pelas grandes migrações e mudanças sociais, pela diversidade linguística, pela pluralidade cultural e religiosa, entre outros aspectos.

Para definir a interculturalidade, devemos primeiro levar em conta o contato, a interação ou a comunicação entre grupos humanos de diferentes culturas. Este conceito refere-se ao encontro entre culturas, e está geralmente associado a problemas de comunicação devido ao desconhecimento da cultura do outro, a problemas relacionados com a discriminação de diversos grupos étnicos e raciais, bem como às relações geralmente assimétricas entre grupos étnicos ou culturais diferentes.

Como bem aponta Hugo Ramírez, *“la práctica de la interculturalidad se traduce en una interacción de culturas, buscando un enriquecimiento mutuo a partir de valores compartidos, y evitando la maniobra política que consiste en dogmatizar lo accidental”* (Ramírez, p.45,2014). A interculturalidade baseia-se no respeito à diversidade, na integração e no crescimento igualitário das culturas; porém, não está isenta de gerar possíveis conflitos, tanto pela adaptação como pelo processo de aprender a respeitar, mas com a diferença, que esses conflitos devem ser resolvido através do diálogo e escuta mútua, priorizando sempre a horizontalidade do processo. É uma condição que favorece a integração e a convivência harmoniosa das pessoas.

No contexto latino-americano, os termos interculturalidade e multiculturalismo são frequentemente utilizados de forma indistinta. Neste sentido, é oportuno destacar que interculturalidade se distingue do multiculturalismo sobretudo pelos seus objetivos: enquanto a interculturalidade procura a coexistência entre culturas

diversas, sob o signo da tolerância, o multiculturalismo tenta a convergência entre tradições que podem eventualmente conduzir à unidade cultural (Vallescar, 2001).

Nessa perspectiva, como esclarece Fonet-Betancourt, a interculturalidade representa um passo de progresso teórico-conceitual em relação ao multiculturalismo, uma vez que este último se refere a diferentes culturas presentes no mesmo local, que não estão necessariamente relacionadas ou que podem ter relações conflituosas, onde o único objectivo é defender a sua liberdade e igualdade, com a exigência de que isso seja realizado num clima de tolerância e respeito, reivindicando assim a necessidade de reconhecimento.

A distinção entre respeito e tolerância são elementos essenciais numa sociedade caracterizada pela diversidade cultural. Mas o respeito acaba por ser mais discriminativo, pois reflete um ponto de vista moral e não partilha necessariamente de uma determinada posição. Por outro lado, a tolerância admite uma gama de opiniões possíveis, desde que não sejam ameaçadoras ou causem qualquer dano direta ou indiretamente (Taylor, 1993).

A interculturalidade também é normalmente identificada como diálogo, cuja condição é o respeito mútuo entre diversas culturas. No entanto, em muitos casos este discurso é apresentado juntamente com a ideia de que é a igualdade de circunstâncias sociais que, juntamente com o respeito, pode levar ao diálogo. Este é o ponto de maior conflito que esta teoria apresenta para ser posta em prática através de políticas interculturais concretas.

No entanto, Diana de Vallescar destaca que, para a interculturalidade, não bastam o respeito e o reconhecimento, mas o que se exige é a capacidade de conferir a cada membro da sociedade a faculdade de contribuir com os seus próprios valores e seus aportes pessoais . Em relação a esta ideia ela destaca que:

Se asume la tarea de una renegociación continua de roles de los miembros de cada cultura, de los espacios del discernimiento de los valores que se entretajan y orientan los procesos de síntesis, de acuerdo a la dinámica propia de cada sociedad. Esto constituye una exigencia de las relaciones interculturales. Con la interculturalidad, se trata de realizar el paso de una sociedad multicultural a una sociedad

de carácter intercultural, abierta a las distintas voces y a su aportación singular (Vallescar,2001).

No âmbito da filosofia intercultural está a diversidade, cujo significado se refere à variedade, multiplicidade ou pluralidade, sob a premissa de que abrange tudo o que constitui a pessoa, ao meio ambiente, o ambiente social e religioso que a rodeia. Ou seja, a interculturalidade surge como preocupação e questionamento da tomada de consciência da diversidade do que se faz, se fala e se pensa.

De acordo com a lógica expositiva desenvolvida pelo autor investigado, existem várias formas de promover a interculturalidade nas diferentes áreas de uma sociedade: uma delas é o trabalho que se realiza no seio da família, primeiro agente socializador, onde não se deve impor ideias ou conhecimentos rígidos, mas sim, deve-se primar para o pensar e o enfrentar aquilo que é diferente. Outro aspecto importante a ter em conta é o que constituem os cenários das comunidades nos quais as pessoas se desenvolvem, procurando eliminar preconceitos sociais e concepções em torno dos indivíduos ou dos diferentes grupos. E, por fim, no âmbito social comunitário, a integração, que permite a qualquer cidadão ter os mesmos direitos sem priorizar o seu modo de ser, as suas capacidades, tendências de qualquer tipo ou local de origem.

Na América Latina, a atenção à diversidade cultural decorre de uma necessidade crescente de promover relações positivas entre diferentes grupos culturais, para enfrentar a discriminação, o racismo e a exclusão, para formar cidadãos conscientes das diferenças e capazes de trabalharem juntos pelo reconhecimento no contexto da diversidade. A interculturalidade surge como um projeto na América Latina com o objetivo de direcionar a atenção para a diversidade étnico-cultural do subcontinente, a partir do reconhecimento da necessidade crescente de promover relações positivas entre diferentes grupos culturais; enfrentar a discriminação, o racismo e a exclusão; formar cidadãos conscientes das diferenças e capazes de trabalhar juntos no desenvolvimento dos países e na construção de uma sociedade justa, equitativa e igualitária.

Interculturalidade significa contacto e intercâmbio entre culturas em condições equitativas; isto é, em condições de igualdade, o que não significa que seja em

termos étnicos mas sim baseada na relação, comunicação e aprendizagem permanente entre pessoas, grupos, conhecimentos, valores, tradições, lógicas e racionalidades-diferentes, visando gerar, construir e promover o respeito mútuo e o pleno desenvolvimento das capacidades dos indivíduos e grupos, acima das suas diferenças culturais e sociais.

Ou seja, a interculturalidade busca um diálogo equilibrado entre pessoas diversas a partir de um clima de respeito e tolerância que supere qualquer diferença social ou cultural. Portanto, a necessidade de refletir sobre a identidade latino-americana exige um reconhecimento da diversidade presente no subcontinente que é o resultado de uma mistura não só física, mas também cultural, de origem indígena, europeia e africana.

Especificamente, a filosofia intercultural surge como uma forma de fazer filosofia que visa incluir os pensamentos filosóficos de diferentes culturas em relação aos desafios da globalização neoliberal e do eurocentrismo persistente na filosofia tradicional. Surge como forma de diálogo entre diferentes tradições filosóficas, engajadas na busca de uma identidade cultural latino-americana a partir do reconhecimento do outro e do reconhecimento da diversidade cultural própria da mestiçagem.

No marco da filosofia intercultural, foram desenvolvidos quatro modelos pioneiros que se baseiam no diálogo, como forma de estabelecer a comunicação intercultural: o modelo inter-religioso-intercultural de Raimon Panikkar, o modelo intercultural libertador de Raúl Fonet-Betancourt, o modelo da hermenêutica intercultural de Ram Adhar Mall e o modelo da polilógica da razão de Franz M. Wimmer.

Seguindo a lógica destes modelos, o modelo inter-religioso-intercultural de Panikkar considera que o pré-requisito fundamental de toda filosofia intercultural é servir para o diálogo, o que implica ter disposição interna para ouvir e aprender, é um modelo mundial, pois é aplicado em qualquer contexto que permite falar uma linguagem onde se utilizam metáforas, formas simbólicas, álgebra, mito, etc. Assim, será uma filosofia aberta e “processual”, que no diálogo prepara o terreno para eliminar mal-entendidos e críticas.

Com o modelo do diálogo inter-religioso, a filosofia intercultural trata de fazer possível que às religiões relativizem a sua pretensão de ser a única manifestação da verdade de Deus e as religiões e culturas representaram as diversas faces de Deus, as faces com as quais Deus se fizesse presente no contexto das comunidades culturais

.Pannikar (2020) tenta colocar as culturas em um diálogo de paz entre todas as religiões. Este autor sugere que o nome intercultural da filosofia provém do significado das palavras “terra de ninguém”, porque de ser ocupada por alguém seria a cultura desse alguém pelo que não seria intercultural. Sendo assim, “...la filosofía intercultural sería un nuevo género de la filosofía, un enriquecimiento de la palabra más allá de sus límites culturales” (Pannikar,2000, p.349).

Porém, no modelo de Mall, baseado na “hermenêutica intercultural” (Mall, 200), se parte do postulado de que no entendimento do “outro” tem que renunciar a um modelo hermenêutico fixo, para poder compreender ao outro, isso significa utilizar múltiplas linguagens, pois o outro é o próprio intérprete de sua cultura e é quem deve expressá-la em sua linguagem:

A eso puede ayudar mucho una hermenéutica analógica, la cual, haciéndonos partir de nosotros mismos, desde nuestro punto de vista situado culturalmente, nos hace entender al otro no identificándose con nosotros mismos, sino tratando de ver su carácter diferencial y tratando de respetar lo más posible esa diferencia (Beuchot,2014).

A filosofia intercultural na perspectiva de Mall não privilegia uma postura filosófica de maneira absoluta, senão que trata de mediar entre o modelo da filosofia geral e universal com a filosofia particular, rejeitando posturas centralistas e discriminatórias. Mall procura, com a filosofia intercultural, uma unidade, mas não uma uniformidade porque um dos maiores riscos da filosofia ocidental é a tentativa de absolutizar um determinado ponto de vista.

Por sua vez, Wimmer, no seu modelo de “*polilógica da razão*” (Wimmer, 2001), assume uma nova visão, não centrista, sobre a história do pensamento da humanidade. Considera que com a globalização se parte do questionamento de se é

possível que exista uma forma ou um método que abarque não apenas a técnica e as ciências, mas a filosofia.

Assim é possível renunciar à ideia de que os conceitos deixem de ser apenas europeístas ou ocidentais, Com isso a filosofia no futuro teria uma maneira “polilógica” de filosofar; é dizer, onde se tenha em conta as varias formas de pensar das diferentes partes do mundo. Este modelo, que parte da tradição filosófica europeia, onde predomina a razão como tradição, é semelhante ao argumento de Panikkar, uma vez que a razão têm “múltiplos logos”, expressos de várias maneiras; o diálogo intercultural é responsável pela criação da “polilógica”, que funciona como um espaço onde as formas de pensar são expressas e comunicadas.

Wimmer propõe que a utilidade da disciplina filosófica será retomar uma ideologia relevante que fundamenta a igualdade “comunicacional” das múltiplas filosofias das diferentes regiões do mundo, razão pela qual é considerada uma filosofia “políloga”.

Já no modelo libertador-intercultural de Fonet-Betancourt, parte-se para destacar que as culturas são produtos históricos e dependem do lugar que os membros ocupam na sociedade. Portanto, haverá inúmeras formas de participação numa mesma cultura. O autor o chama seu modelo de histórico-libertador para destacar a diferente conotação do modelo inter-religioso, do modelo hermenêutico e do modelo Wimmer,

O seu modelo é contributivo e mais ajustado às reais condições existentes, pelo facto de que a cultura latino-americana não caminha para um “universalismo abstracto” como os anteriores. Sua finalidade é buscar a diferença entre as práticas interculturais e a historicidade, que contribuem para o cotidiano, uma vez que as transformações das culturas ocorrem apenas através da prática intercultural, sua ideia é que “más que de culturas en abstracto, se habla de prácticas culturales, porque nosotros practicamos una cultura” (Fonet-Betancourt,2004, p.42).

Para Fonet-Betancourt, a cultura é um produto histórico, e os outros modelos apontam para as culturas ou religiões como blocos, ou entidades imutáveis com uma tradição, uma língua, uma religião. A filosofia intercultural em Fonet-Betancourt não

é uma nova linha de filosofia, mas um movimento onde pensadores e investigadores se reúnem para enfrentar o desafio da coexistência solidária entre seres humanos de diversas culturas. O seu objectivo é duplo; na teoria representa a procura de um diálogo entre culturas e na prática tenta reorganizar o mundo contra o modelo globalizado neoliberal.

Suas declarações são representativas considerando que:

El esfuerzo por aproximarnos conjuntamente a lo intercultural tiene que caracterizarse, a mi parecer, por ser un esfuerzo en el que mostramos explícitamente que nosotros mismos como personas estamos involucrados en la creación del espacio intercultural. Pues el campo de lo espiritual, como ya se anotaba, no está fuera de nosotros. Somos parte de ese campo y, según enfoquemos nuestras propias biografías podemos convertirnos en fomentadores de lo intercultural, es decir, en personas que con sus prácticas culturales contribuyen a ensanchar el espacio intercultural; o bien en un obstáculo para su crecimiento, si nos cerramos y empeñamos en trabajar la “pureza” de nuestra identidad (Fornet-Betancourt, 2011, p 9).

O modelo e a proposta do autor proclamam a diversidade, as práticas culturais e o diálogo intercultural sem que haja uma renúncia à própria identidade, mas sim que ela está presente na mistura, a miscigenação de várias culturas. Consequentemente, a interculturalidade tenta promover o encontro ou o diálogo entre culturas a partir da miscigenação de origens latino-americanas:

Nuestras historias personales y la fisonomía de nuestros cuerpos dan testimonio veraz de que no tenemos un origen único, sino que somos producto de un mestizaje de culturas muy rico por su diversidad. Por tanto, se trata entonces de pensar desde la mixtura cultural que constituye la identidad de los latinoamericanos. (Fornet-Betancourt, 2001, p.67).

Para o autor, é enganoso falar do intercultural a partir do monocultural, uma vez que este modelo não visa o estudo ou a compreensão a partir da filosofia das

culturas como tais, mas sim a proposição de caminhos que reflitam a pluralidade cultural que constitui a América Latina. O seu modelo representa um movimento alternativo de vasto alcance, pois procura uma mudança de paradigma a nível teórico-científico que permita um diálogo aberto sobre o que realmente queremos e devemos saber; e complementa-se na prática com a proposta de reorganização do mundo que os dominadores impuseram, impondo o sentido da solidariedade entre os mundos reais, condicionando uma humanidade solidária que possa ser compreendida.

Dado o panorama atual da América Latina e do mundo, o autor considera que a filosofia intercultural se encontra num momento apropriado para a mudança, com vista a produzir um pensamento que seja sobretudo rebelde, emancipatório, crítico, que possa dar respostas às situações. miséria e opressão que milhões de pessoas vivenciam nestas terras. A sua proposta articuladora através da filosofia da interculturalidade, oferece a possibilidade de abertura a uma nova utopia de esperança, através da ligação da diversidade, como possibilidade de concretização do projecto de identidade regional, da convivência, inclusão e formação da coexistência e harmonia de todas as culturas.

A partir desta filosofia, amplia-se o horizonte intercultural, sua compreensão e interpretação. Nesse sentido, destaca que

la amenaza de la diversidad desaparece como amenaza y se convierte en una fórmula de comprensión donde los seres humanos pueden aproximarse, dialogar, convivir y crecer en comunión fraternal (Fornet-Betancourt, 1998, p.55).

Segundo a ideia dada pelo autor, a diversidade, longe de ser uma ameaça, torna-se uma potencialidade para o estabelecimento do diálogo entre diferentes culturas, sustentada na compreensão e das relações que se mantêm com os outros, questão que viabilizará a convivência, o crescimento e a convivência. desenvolvimento harmonioso no contexto da globalização.

O encontro com a perspectiva filosófica da interculturalidade no modelo sustentado pelo autor significa para a filosofia latino-americana deixar de lado a sua

fixação ocidental e reconhecer que o eurocentrismo que impediu a radicalização do processo de contextualização da América Latina como método filosófico dominante, não é o único válido na filosofia.

O intercultural implica uma aproximação a uma pluralidade epistemológica e metodológica que permite a reavaliação das tradições, deixando para trás a imagem eurocêntrica, a descoberta da pluralidade filosófica, que facilita a filosofia intercultural, que estimula o impulso necessário para diferenciar a história desta região na América Latina. filosofia. A filosofia intercultural defende um processo de transformação intercultural da América Latina, a partir da “polifonia”, a articulação onde as vozes culturais de toda a América Latina têm lugar.

Assim, Fonet-Betancourt considera que este é o caminho para a reconciliação da filosofia com a diversidade cultural, o caminho pelo qual a filosofia intercultural ganha uma forma nova e específica de se tornar real e viável. Assim, este modelo de filosofia de Fonet-Betancourt assimila a diversidade cultural como um símbolo, um “coro polifónico de voces, que se hace audible, al grito de la diversidad” (Potente, 2001).

Por esta razão, é justamente relevante, como forma de pensar atual, ir além da tolerância e da aceitação acrítica do multiculturalismo e avançar em direção ao diálogo intercultural.

2.2.3 Identidade como diálogo na filosofia intercultural de Raúl Fonet-Betancourt

O conceito de identidade está intimamente relacionado à cultura em seu percurso histórico. A identidade cultural é reconhecida como uma série de propriedades que caracterizam uma cultura ou grupo social que permitem às pessoas identificarem-se como membros deste grupo e, ao mesmo tempo, diferenciarem-se de outros grupos culturais.

Dentro da identidade cultural existem aspectos relacionados ao idioma, valores e crenças, tradições e costumes de uma comunidade. Esse conjunto de particularidades é o que define a identidade cultural do povo.

A identidade cultural de um povo é historicamente definida através de múltiplos aspectos nos quais sua cultura se reflete, como a língua, instrumento de

comunicação entre os membros de uma comunidade, as relações sociais, os ritos e cerimônias próprias,

o los comportamientos colectivos, esto es, los sistemas de valores y creencias [...] Un rasgo propio de estos elementos de identidad cultural es su carácter inmaterial y anónimo, pues son producto de la colectividad (Molano, 2006, p.69).

Portanto, a busca e resgate da identidade cultural é um desafio aos estereótipos, é um ato de afirmação da autoconsciência, de recuperação do protagonismo dos povos e de compreensão da diferença e reconhecimento dos outros.

Devemos partir do postulado de que a identidade é moldada pelas pessoas em processos concretos e, acima de tudo, a América Latina teve que construir a sua identidade no calor dos processos de emancipação. Portanto, a identidade cultural nesta parte do mundo está historicamente relacionada com a luta e a aspiração pela independência.

Não se pode falar de identidade cultural separada de todos os processos libertadores que hoje ocorrem no subcontinente. Deve-se levar em conta que a questão da identidade continua recorrente e debatida em diferentes contextos e cenários.

O diálogo intercultural na América Latina é projetado como uma forma de enfrentamento à globalização neoliberal que desenraiza em grande medida os valores culturais imersos no contexto latino-americano. Entre os aspectos mais importantes, podemos ressaltar o fato de que neste diálogo há um aspecto que rompe com a forma tradicional como historicamente se focou o exercício de filosofar: para situar o problema do reconhecimento cultural que os povos latino-americanos exigem.

Partindo de uma análise detalhada, encontrando o vínculo entre a filosofia e a cultura com a realidade concreta, tendo em conta as exigências de cada contexto, o que torna esta perspectiva uma alternativa autêntica e enriquecedora. No projeto intercultural, o diálogo é um método que se propõe como alternativa para superar os mecanismos de dominação.

O diálogo constante entre diferentes culturas tem como ponto de partida o reconhecimento das diferenças e semelhanças que nelas existem, o que representa um desafio que nos permite desenhar uma alternativa de esperança para os povos latino-americanos. O diálogo intercultural, na definição do autor,

no es aquel que se establece «entre culturas que se comprenden como ya acabadas», sino entre culturas que están en permanente formación histórica y en constante transformación, unido a los cambios sociales que pueden transmitirse e intercambiar entre ellas su historia: [...] conscientes de su propia historicidad, narrándose sus génesis y dando a conocer abiertamente la contingencia y ambivalencia de lo logrado en sus formaciones, esto es, de lo que han llegado a ser, el diálogo intercultural, tiene como objetivo cambiar el mundo a partir del intercambio de culturas historicistas que buscan la posibilidad de fuerzas alternativas (Fornet-Betancourt,2009,p.45).

E é por esta razão que destaca o caminho para uma transformação do mundo baseada na diversidade da herança humana e no desenvolvimento da diversidade num mundo pluralista. O diálogo intercultural se configura no encontro com a diversidade cultural, e se encontra na possibilidade de conceber o mundo em termos intersubjetivos, “fundados por la interculturalidad del diálogo que se enriquece con el otro como alteridad cultural” (Fornet-Betancourt,1994, p.20).

O autor, com razão, deixa estabelecido que o diálogo entre diferentes culturas conscientes da sua historicidade é um processo dinâmico que enriquece e transforma mutuamente as culturas. No entanto, este processo não pode ser pensado como o objectivo final do diálogo intercultural, uma vez que a intenção da transformação cultural deve ser a melhoria dos seres humanos e do mundo que os rodeia. Segundo o autor “la verdadera finalidad del diálogo intercultural es el «ennoblecimiento» del ser humano y del mundo, no el «embellecimiento» o la «ampliación» de identidades culturales” (Fornet-Betancourt, 1994).

Na sua forma de pensar, o futuro histórico da humanidade é visualizado como a possibilidade de coexistência de “muitos mundos”, neste caso várias culturas, baseadas no diálogo, na solidariedade e na diversidade. Assim, a resolução das diferenças interculturais passa pelo compromisso com o diálogo entre culturas, onde

prevalecem o respeito e o reconhecimento, sendo esta uma premissa ética, dado o panorama global da diversidade.

Uma das preocupações mais controversas do pensamento latino-americano tem sido a sua própria identidade e a sua relação com a filosofia, na procura da própria identidade do latino-americano. Porém, a partir do reconhecimento do outro e da diversidade cultural típica da mestiçagem, podemos chegar a uma compreensão da identidade latino-americana. Refletir sobre a identidade latino-americana requer o reconhecimento da diversidade presente no continente, vez que a América Latina é o resultado da mistura de raças, origens, tradições, costumes, etc.

Seguindo esta ideia, o autor não pretende abranger todos os significados possíveis do termo identidade, senão os mais adequados ao contexto que lhe interessa, e serão eles o de identidade pessoal e de identidade cultural coletiva. Para Fornet-Betancourt, a globalização provocou um conflito entre o globalismo imposto pela expansão da cultura hegemônica de mercado e a defesa das tradições locais (Fornet-Betancourt, 1994).

A este fenômeno se adiciona a influência da perspectiva pós-moderna das sociedades, que condiciona o fato destas viverem o processo da chamada “era pós-tradicional”, ou seja, que as populações se despedem das culturas tradicionais com as suas referências fixas e significados claros (Fornet-Betancourt, 1994).

O resultado foi que o discurso sobre a identidade se desenvolve a partir da tensão entre o “universalismo abstrato” e o “regionalismo fundamentalista”. Neste sentido Fornet-Betancourt afirma:

La interculturalidad contribuye a fundamentar un discurso tanto sobre la identidad personal como colectiva sin caer en posiciones fundamentalistas, esto es, sin renunciar a la construcción de una nueva universalidad y desde la interculturalidad hay que revisar de forma crítica la contradicción que nace del globalismo de la globalización hegemónica entre universalidad y particularidad, [...] tratar de generalizar o universalizar todo a partir de la globalización, pero que a la vez esto es imposible, pues cada sociedad es particular en su cultura. (Fornet-Betancourt, 2006, p.378).

Isto implica que para Fonet-Betancourt é necessário recuperar e revalorizar as biografias e a história das culturas que no contexto da globalização foram marginalizadas e ameaçadas, mas que continuam a viver as suas tradições e o significado que têm para os seus portadores. As tradições e experiências continuam a ser fontes da própria identidade e é a partir destas memórias que se torna realidade o falar sobre identidade, pois sem memória se perde a identidade. Diante da questão existencial sobre a identidade individual e coletiva, o autor reflete:

¿Quién soy? ¿Quiénes somos?, es fundamental la memoria histórica y la biografía que ayude a tomar conciencia del proceso que ha llevado a la situación presente en la que se pregunta por la identidad. En este sentido, también es necesario hacer memoria de las «conmemoraciones», es decir, de las celebraciones de los recuerdos, de los acontecimientos de nuestra historia que definen lo que se es, así como la pertenencia (Fonet-Betancourt,2009).

Destaca também a importância da memória para o desenvolvimento da identidade, como parte essencial da filosofia da interculturalidade, uma vez que a memória, segundo o autor, é entendida como um processo complexo que envolve momentos de comemoração e transmissão, onde as culturas tradicionais propõem outro aspecto importante a ter em conta para o debate sobre a identidade, o momento da comunidade.

A tradição filosófica de Fonet-Betancourt dá continuidade ao ideário das filosofias das quais o seu pensamento é herdeiro, adaptada às novas condições do novo milênio. Contém essencialmente o objetivo de promover a transformação do trabalho filosófico através do diálogo entre as culturas, associando-o à comunicação na perspectiva existencial e histórica de quem nele intervém, orientado pela tolerância, pelo consenso e pelos propósitos partilhados, enquanto princípios gestores.

.A necessidade de transformar a filosofia na América Latina, a partir dos desafios que se supõem do diálogo intercultural, implicaria uma série de mudanças na realidade social e nas mentes a nível global e contextual do continente. Fonet-Betancourt, consciente destes desafios no âmbito das transformações que devem suceder-se no continente, faz referência ao tributo excessivo da

contextualidade e da historicidade na conformação de racionalidade filosófica que, por serem contextualizadas e inculturadas, apresentam uma carga histórica própria.

.Ele ressalta que essa racionalidade que se pretende alcançar deve ser admitida como possibilidade de comunicação não dominante, enfatizando a formação de um diálogo baseado na diferença histórica de cada filosofia. Outro desafio para o diálogo intercultural é a necessária ruptura com a filosofia europeia, referindo-se à sua dominação, o que significa para Fernet-Betancourt, “el final de la época en la que la filosofía europea fungía como el sujeto que buscaba en América Latina simplemente el eco de su propia voz” (Fernet-Betancourt, 1994).

Mas o que é próprio não se inculturaliza, o que é próprio já é cultura. É aí onde o autor encontra o limite da filosofia inculturada e aprecia uma série de contradições na dinâmica da inculturação da filosofia porque “en última instancia, la filosofía sigue llegando desde fuera en su vertiente lógica, racional” (Oviedo, 2005, p.31).

Apesar do acima referido, Fernet-Betancourt considera que não se pode criar todo um aparato teórico-metodológico no projeto da filosofia intercultural renunciando completamente à tradição centro-europeia que dominou até agora, apelando apenas à interpretação das raízes históricas e culturais do continente. Além disso, o autor observa que o diálogo intercultural corresponde

“a la ruta a través de la cual la filosofía gana un nuevo acceso hacia sí misma y aprende a ver que la ella siempre pudo y puede ser de otra forma; esto es, que pudo ejercitarse, y debería empezar a hacerlo como filosofía intercultural (Oviedo, 2005).

Estes desafios pressupõem, portanto, a criação de uma nova teoria da filosofia baseada na filosofia intercultural a partir da interpretação do diálogo e da atuação em função das culturas predominantes na América Latina. A situação histórica de cada cultura entre si e na sua relação com as outras, implica uma “pluriformidade do trabalho filosófico” nas suas razões hermenêuticas e epistemológicas, bem como éticas, religiosas, culturais e antropológicas.

Fica evidente, então, que o diálogo intercultural resulta filosófico pelas experiências, pensamentos e saberes que se originam e se desenvolvem nos tipos

de culturas, pois os conteúdos do diálogo intercultural ocorrem na convivência de culturas, e nos processos cognitivos que cada cultura tem para organizar racionalmente o seu próprio ambiente e o do mundo. Neste sentido, falamos da possibilidade que o diálogo oferece para entrar em contacto com o outro, partilhar o mundo das experiências e fazer do espaço da interculturalidade o mundo do encontro a partir do seu ser e estar, para o qual devemos:

cultivar ese saber práctico de manera reflexiva, y con un plan para organizar las culturas alternativamente desde él, para que la interculturalidad se convierta realmente en una cualidad activa en todas las culturas (Fornet-Betancourt,2001).

Fornet-Betancourt considera a formação de um diálogo intercultural, no qual se reúnem diferentes culturas, com suas diferenciações, critérios, julgamentos e princípios, que lhes permitem participar com igualdade de possibilidades, onde as diversas visões e cosmovisões do mundo também evitam as suas próprias. conflito.

Para ele, estes são os princípios básicos para estabelecer um diálogo intercultural autêntico. Isto cria um desafio no desejo de fornecer alternativas para criar o espaço de interculturalidade que possa contribuir para a transformação de um pensamento filosófico reducionista, e, para a libertação da humanidade, cujo alcance se torna uma prioridade histórica para satisfazer as necessidades da transformação da filosofia. Estas são as razões que o autor utiliza para propor que a transformação da filosofia na América Latina a partir da interculturalidade e supõe uma tarefa complexa de autocrítica radical que, ao implicar a quase dissolução da figura hegemonicamente transmitida da filosofia tradicional, se propõe a “desfilosofar a filosofia”, porque “ frente a un mundo cada vez más conflictivo y discriminante, se requiere de una racionalidad social y política, que permita desfilosofar la filosofía, como un instrumento de poder y dominio, desconociendo un presente cuya realidad es cada vez más plural y diversa, en el que todos los seres humanos están reconocidos por un derecho de aparición ante el otro, que no les puede ser prohibido o quitado”(Fornet-Betancourt,2009,p.639).

“Desfilosofar a filosofia” significa, portanto, romper com a hegemonia ainda atual da tradição centro-ocidental europeia e libertá-la dos limites que a institucionalização acadêmica lhe impôs, o que fez com que a filosofia fosse

essencialmente reduzida a uma “disciplina” articulada nos seus conteúdos, a partir da tradição centro-europeia, com uma função específica que responde aos interesses dos objetivos formativos do sistema da modernidade e do capitalismo europeus.

“Desfilosofizar a filosofia” também implica romper com o preconceito de que ela é produto da cultura ocidental. Ele esclarece isso destacando que “desfilosofar la filosofía es partir del hecho de la existencia real de otras filosofías contextuales, aceptando que pueden tener su justificación en el seno de culturas distintas de la propia” (Fornet-Betancourt, 2001). Desta forma, “desfilosofar a filosofia” significa essencialmente desvinculá-la da sua fixação na cultura da Europa Central, para abri-la a uma nova reformulação a partir da participação de outras filosofias que até agora continuam a ser negadas pela tradição ocidental.

A perspectiva acima discutida implica conceber a filosofia em estreita ligação com a sua história, os seus textos, trabalhar por uma filosofia que sabe que o seu passado não consiste apenas em textos, mas também na contextualidade e na história das quais esses textos são um reflexo, e que é por isso que ele sabe que não devem ser reduzidos a meros exercícios acadêmicos (Fornet-Betancourt, 2009). Concretiza-se então a tarefa de “desfilosofizar a filosofia” na ordem prática, na tentativa de articular o presente da filosofia com o passado, como presença efetiva da filosofia no espaço público das sociedades e culturas onde se exerce.

Seria criar uma filosofia segundo Fornet-Betancourt, que reflita sobre os assuntos públicos e saiba falar deles publicamente, contribuindo assim para a formação de um espaço alternativo de opinião pública. Seria uma tarefa difícil reconstruir a obra filosófica a partir da sabedoria popular, dos mitos, das tradições, dos costumes, tentando ampliar os métodos de trabalho, as diversas fontes das quais se “nutre” para desenvolver interpretações da realidade e da vida.

Para o exercício da filosofia na América Latina isto significa:

abrir la filosofía a las tradiciones indígenas y afroamericanas, a sus universos simbólicos, sus imaginarios, sus memorias y sus ritos; y ello no como objeto de estudio sino como palabra viva de sujetos con los que hay que aprender y estudiar en común” (Fornet-Betancourt, 2001).

A partir daqui, a filosofia na América Latina se transformaria a partir das exigências do desafio do diálogo intercultural, como o caminho para alcançar a melhor qualidade desejada para a filosofia na América Latina, ou seja, “una filosofía que es la casa en la que todos los pueblos y culturas del continente pueden articular libremente su memoria y su palabra de sujetos vivientes” (Fornet-Betancourt, 2001).

De acordo com as considerações do autor, a filosofia intercultural propõe alternativas para enfrentar os atuais conflitos do mundo globalizado com sua política neoliberal “unificadora” e a diversidade cultural predominante na América Latina. Neste sentido, considera que maior capacidade discursiva de integração das culturas numa diversidade histórica que fortalece melhores relações para a convivência através de uma interpretação hermenêutica, epistemológica e antropológica das realidades partilhadas.

A proposta formulada em favor de uma transformação da filosofia, a partir das exigências do diálogo intercultural, mostra as implicações práticas e consequências dessa transformação; ao mostrar que não se trata apenas de uma questão teórica de “desfilosofizar a filosofia”, mas sim aponta para uma nova práxis do trabalho filosófico em benefício do aperfeiçoamento social e cultural das pessoas. Bastaria reconhecer que uma filosofia transformada interculturalmente, tal como definida por Fornet-Betancourt, ajuda a compreender as diferenças culturais como uma força para o diálogo, no processo de comunicação entre culturas, porque as contradições que o cultivo dessas diferenças são as melhores forma de cultivar a vida e, assim, alcançar uma cultura de abundância no quadro de uma prática cultural e política que sabe que as diferenças culturais são apenas uma ameaça à ordem hegemônica que procura nivelar o mundo na sua diversidade.

Eles não devem, portanto, ser sacrificados, apaziguados ou neutralizados em nome da ordem atual, mas sim devem ser fortalecidos a partir de si mesmos e através da comunicação entre eles (Fornet-Betancourt, 2001). Uma filosofia interculturalmente transformada deve ser governada por princípios de tolerância e de “pluralismo”, baseados no direito que as culturas e os povos têm não só de ver o mundo de forma diferente, mas também de viver de acordo com a sua própria maneira.

Por isso, a filosofia intercultural também é considerada pelo autor como “polifônica” ou diversa, ao mesmo tempo que preconiza certos valores como a justiça, a igualdade social a partir de um diálogo que reconhece as diferenças sociais e o ambiente multicultural que predomina na América latina.

Num certo sentido, é um projecto libertador que procura a independência dos padrões vindos da Europa e que se baseia fundamentalmente na cultura de todos os povos, produto dos processos históricos gerados na América Latina.

Às ideias desenvolvidas por Fonet-Betancourt devemos então acrescentar, então, as próprias limitações perceptíveis nos seus postulados teóricos e na própria práxis que incentiva. A possibilidade de libertar a filosofia latino-americana dos padrões hegemônicos ocidentais para alcançar verdadeiramente uma transformação intercultural da filosofia, passa inevitavelmente pela análise dos elementos estruturais das sociedades latino-americanas que atingem os aspectos econômicos, políticos e sociais.

Sobre estes elementos se constrói toda uma superestrutura que inclui a cultura como um de seus componentes essenciais. O autor considera a necessidade de expandir ou transformar a racionalidade para que esta nova forma de pensar possa ocorrer na realidade, mas o certo é que não descreve o caminho para se lograr esse feito, nem o tempo que levará esse processo de transformação intercultural, que, como ele sugere, é uma tarefa difícil.

Tentando estabelecer uma articulação direta da filosofia com a atividade política emancipatória, concebe a relação da filosofia com a política a partir da consciência de que a filosofia constitui a atividade contextual através da qual se realiza o conhecimento ético-prático das comunidades locais. Reformulando a política como a práxis comunitária dos sujeitos contextuais, considera que a filosofia “assume la política como dimensión en que su exigencia ética se concretiza en mundos justos que responden a las necesidades de vida digna de los sujetos” (Fonet-Betancourt, 2009, p.10).

Por outro lado, essa filosofia teve grande impacto nos meios acadêmicos da América Latina e, como proposta de transformação do pensamento, foi assimilada positivamente no pensamento latino-americano. Prova disso é a extensa bibliografia publicada por e sobre o autor e seu impacto no meio científico. Hoje, o estudo das

perspectivas culturais, bem como a necessidade de promover práticas dentro da filosofia intercultural, constituem desafios no contexto da pesquisa social que as instituições educacionais latino-americanas exigem para fornecer uma abordagem decolonial nos estudos da filosofia.

Suas propostas nesse sentido, válidas ou não para trabalhar com as diferenças culturais, ainda são questões pendentes, onde o diálogo às vezes é impossível; mas como proposta teórico-conceitual visa resolver diferenças por meio da comunicação e do diálogo intercultural. Testar hoje a validade ou não desta nova forma de pensar baseada na identidade como diálogo intercultural é prematuro. O tempo dirá a última palavra sobre o facto de a diversidade cultural ser realmente o símbolo ou o “coro polifónico de vozes”, que se torna audível ao “grito da diversidade”.

Suas propostas nesse sentido, válidas ou não para trabalhar com as diferenças culturais, ainda são questões pendentes, onde o diálogo às vezes é impossível; mas como proposta teórico-conceitual visa resolver diferenças por meio da comunicação e do diálogo intercultural. Testar hoje a validade ou não desta nova forma de pensar baseada na identidade como diálogo intercultural é prematuro. O tempo dirá a última palavra sobre o facto de a diversidade cultural ser realmente o símbolo ou o “coro polifónico de vozes”, que se torna audível ao “grito da diversidade”.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No pensamento de Fernet-Betancourt, aparecem articuladas diferentes perspectivas teóricas sobre a filosofia intercultural a partir da assimilação de diferentes fontes do pensamento latino-americano e da filosofia ocidental.

A filosofia intercultural constitui uma síntese, no autor investigado, de determinadas exigências teóricas e práticas, as quais permitem o esclarecimento de certos conceitos relacionados à sua proposta de “*desfilosofar*” a filosofia, à contextualização ou transformação intercultural da filosofia, bem como à explicação sobre a formação histórica e peculiar da identidade da América Latina.

Com uma perspectiva histórica, são analisados os antecedentes histórico-filosóficos presentes no desenvolvimento das ideias filosóficas no continente, que se colocam como referências essenciais no desenvolvimento da interculturalidade.

Os fundamentos da direcionalidade prática, ética e política nos pressupostos da filosofia intercultural se dão, segundo a lógica expositiva desenvolvida pelo autor, na necessidade de dar uma nova orientação à filosofia latino-americana, o que significa uma mudança de paradigma no exercício do trabalho filosófico, rompendo as barreiras criadas pelas estruturas monoculturais das filosofias tradicionais.

A filosofia intercultural desenvolvida por Fernet-Betancourt parte do reconhecimento da pluralidade das filosofias com as suas respectivas matrizes culturais e suas formas de argumentação. É, portanto, a filosofia que nasce da atitude de um pensamento consciente dos seus limites culturais, mas disposto a reconhecer e aceitar outros universos culturais.

A perspectiva da filosofia intercultural é defender a riqueza da diversidade cultural e o direito das pessoas de cultivarem as suas próprias culturas, defendendo esses direitos contra o fenómeno mundial da globalização neoliberal e do mercado capitalista.

A sua escolha de contextualizar a filosofia e as culturas é uma posição contra o processo de homogeneização e exclusão que se impõe atualmente.

Em oposição à ontologização das culturas, a filosofia intercultural opera com uma visão histórica das culturas, que não sacraliza as culturas, mas as concebe como configurações históricas ao serviço da plena realização da humanidade. Constitui, portanto, uma proposta de programa de transformação da filosofia, tanto

ao nível das suas articulações teóricas como ao nível das suas reconstruções históricas.

Apesar da validade de suas propostas programáticas, da defesa da autoctonia das culturas, da defesa da originalidade da filosofia e da identidade latino-americana, percebe-se uma lacuna na análise das propostas e formas emancipatórias que devem assumir a cultura e a filosofia para que, a partir das formas de pensamento verdadeiramente crítico, possam incluir em seus enunciados a deformação das estruturas das sociedades latino-americanas, que são, em última análise, as causas da não inclusão, do diálogo e da possibilidade de reconhecimento e de convivência justa.

REFERÊNCIAS

BONILLA, Alcira B., Fonet-Betancourt, Raúl, Rosero Morales, José R. **Desafíos para una filosofía intercultural nuestroamericana**, Editorial Universidad del Cauca, 2021.

BECKA, Michelle. **Interculturalidade no pensamento de Raül Fonet-Betancourt**, San Leopoldo: NOVA ARMONIA, 2010.

BEUCHOT, Mauricio. **La interculturalidad y la hermenéutica analógica**, *Revista Hermeneutic*, No.13, 2014/2015, ISSN: 1668-7361 2014. <http://publicaciones.unpa.edu.ar>. Disponível em: https://www.google.com/search?q=BEUCHOT%2C+Mauricio.+La+interculturalidad+y+la+hermen%C3%A9utica+anal%C3%B3gica&sca_esv=1b4e33befbf8976c&sxsrf=ACQVn0-2TsaDhowk0zg8BqP-FZmUZh1vwA%3A1707177557057&ei=VXbBZZOMA-D05OUP3LOfkAw&udm=&ved=0ahUKEwjTiu3-s5WEAxVgOrkGHdzZB8IQ4dUDCBA&uact=5&oq=BEUCHOT%2C+Mauricio.+La+interculturalidad+y+la+hermen%C3%A9utica+anal%C3%B3gica&gs_lp=Egxn3Mtd2l6LXNlcnAiRUJFVUNIT1QsIE1hdXJpY2lvLiBMYSBpbmRlcmN1bHR1cmFsaWRhZCB5IGxhIGhlcm1lbsOpdXRpY2EgYW5hbMOzZ2ljYUgAUABYAHAAeACQAQCYAQCgAQCqAQC4AQPIAQD4AQHiAwQYACB&client=gws-wiz-serp#vhid=zephyrhttps://publicaciones.unpa.edu.ar/index.php/1/article/download/180/159&vssid=collectionitem-web-desktophttps://publicaciones.unpa.edu.ar/index.php/1/article/download/180/159. Acesso em: 25 out. 2023.

CÉRON, Alexander. S. **La cultura de vocación intercultural en Raúl Fonet-Betancourt**, Artigos Utopía y Praxis Latinoamericana, Vol. 18, Núm. 60, (enero-marzo, 2013), pp. 81-89, *Revista Internacional de Filosofía Iberoamericana*, Universidad del Zulia. Venezuela, ISSN 1315-5216. Disponível em: <https://ia903002.us.archive.org/31/items/uto60/uto60.pdf>. Acesso em: 24 out. 2023.

FONET-BETANCOURT, Raúl. **Pensamiento Iberoamericano como base para un modelo de filosofía intercultural**. *Revista de Filosofía Latinoamericana y Ciencias Sociales*, N. 19, setembro/1994, PP 73-85. Disponível em: <https://asociacionfilosofialatinoamericana.files.wordpress.com/2018/12/fo-net-betancourt-pensamiento-iberoamericano-como-base-para-un-modelo-de-filosofia-intercultural.pdf>. Acesso em 05 de julho 2022.

_____. **La filosofía intercultural desde una perspectiva latinoamericana**, *Revista Solar* no 3, Lima, 2007, pp 23-40. Disponível em: https://enriquedussel.com/txt/Textos_200_Obras/Filosofos_Caribe/F.intercult_perspectiva_latinoamericana-Raul_Fonet.pdf. Acesso em: 04 jul. 2023.

_____. **Hacia una transformación Intercultural de la Filosofía. Ejercicios teóricos y prácticos de filosofía intercultural desde Latinoamérica en el contexto de la globalización**, Ediciones digitales Aachen/Barcelona, 2020, Escola Internacional de Filosofia Intercultural. Disponível em: <https://eifi.one/onewebmedia/EIFI%20Transformaci%C3%B3n%20intercultural%20de%20la%20filosof%C3%ADa.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2023.

_____. **Lo intercultural: el problema de y con su definición**, *Revista Pasos*, No 103, segunda época, septiembre- octubre DEI. Costa Rica. 2002. Disponível em: <https://red.pucp.edu.pe/ridei/files/2011/08/081215.pdf>. Acesso em: 16 out. 2023.

_____. **Sobre el concepto de interculturalidad. Reflexiones de Raúl Fonet-Betancourt**, México, Consorcio Intercultural, 2004. Disponível em: https://dgeiib.basica.sep.gob.mx/files/fondo-editorial/educacion-intercultural/cgeib_00040.pdf. Acesso em: 08 out. 2022.

_____. **Interculturalidad o barbarie. 11 Tesis provisionales para el mejoramiento de las teorías y prácticas de la interculturalidad como alternativa de otra humanidad**, *Revista Internacional de Comunicación Audiovisual, Publicidad y Estudios Culturales*, VOL. 1 No 4, 2006, PP. 27-49. Disponível em: <https://revistascientificas.us.es/index.php/Comunicacion/article/view/21356/18800>. Acesso em: 23 mar. 2023.

_____. **Supuestos, límites y alcances de la filosofía intercultural**. BROCAR, 27 (2003), PP 261-274, Disponível em: <https://centroderecursos.cultura.pe/sites/default/files/rb/pdf/SupuestosLimitesYAlcancesDeLaFilosofiaIntercultural-2240563.pdf>, Acesso em: 12 maio 2022.

_____. **Estudios de Filosofía Latinoamericana**, Universidad Autónoma de México, 1992.

_____. **Incidencia de la teología de la liberación en la filosofía latinoamericana**, *Realidad: Revista de Ciencias Sociales y Humanidades*, ISSN 2520-0526. n. 78, 2000, PP. 679-702. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4020652>. Acesso em: 20 dez. 2023.

_____. **Para una crítica intercultural de la filosofía latinoamericana**, Editorial Trotta, Madrid, 2004

_____. **Reflexiones de Raúl Fonet-Betancourt sobre el concepto de interculturalidad**. Editora Consorcio Intercultural. Centro de Cooperación Regional para la Educación de Adultos en América Latina y el Caribe Consejo de Educación de Adultos de América Latina. México, 2007.

_____. **Supuestos filosóficos del diálogo intercultural**. Conferencia presentada en el Foro Mundial de filosofía intercultural, 2000. Disponível em: <https://red.pucp.edu.pe/ridei/files/2011/08/081017.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2022.

_____. **Transformación del marxismo. Historia del marxismo en América Latina**, Universidad Autónoma de México, Editorial Plaza y Valdés, S.A. de C.V, México, 2001.

MERCADO, Manfredo K. **Historia de la Filosofía en Latinoamérica**, Editorial Zig-Zag, Santiago de Chile, 1958

MALL, Ram A. **Acerca de la teoría intercultural de la razón, un cambio de paradigma**. *Revista de Filosofía latinoamericana y Ciencias Sociales*, No.20, p.100-107, octubre, 1995. Disponível em: <https://asociacionfilosofialatinoamericana.files.wordpress.com/2018/12/mall-acerca-d>

e-la-teoria-intercultural-de-la-razon-un-cambio-de-paradigma.pdf. Acesso em: 23 jun. 2023.

HERRERA, María L. M. **Cultura- Valores- Educación: Una tríada en perspectiva intercultural**, Revista de Ciências Humanas, Frederico Westphalen - RS, v. 24, n. 3-16, set./dez.2023. Disponível em: <file:///C:/Users/janet/OneDrive/Desktop/EU-COPIA/Desktop/filosofia/TCC%20II/livros%20bibliografia/4648-15884-1-PB.pdf>. Acesso em

MOLANO, Olga L. **Identidad cultural un concepto que evoluciona**, Revista Opera, ISSN-e 1657-8651, No 7, 2007, pp. 69-84, Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=4020258>, Acesso em: 23 out. 2023.

GARCÍA, Aránzazu O. **Raul Fornet-Betancourt: La fecundidad de la Filosofía latinoamericana**. Revista Utopía y Praxis Latinoamericana, Vol. 11, N. 34, Maracaibo set. 2006, Facultad de Filosofía, Universidad Autónoma de Madrid, España. Disponível em: https://ve.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1315-52162006000300010&lng=pt&nrm=iso&tling=es. Acesso em: 25 jun. de 2023.

PANIKKAR, Raimon. **Religión, filosofía y cultura**, Ilu.Revista de ciencias de las religiones, ISSN 1135-4712, ISSN-e 1988-3269, N. 1, 1996, pp. 125-148. Disponível em <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=713695>. Acesso em: 15 abr. 2022.

POTENTE, Antonieta. **Un tejido de mil colores. Diferencia de género, de cultura, de religión**, Uruguay, Doble Clic, 2001.

FLORES, Nicolás R. **Percepciones sobre la interculturalidad**. Tesis Doctoral Universidad de Valladolid, España, 2015. Disponível em <https://www.educacion.gob.es/teseo/imprimirFicheroTesis.do?idFichero=Ughv839n6vg%3D>. Acesso em: 04 out. 2022.

GARCIA RAMÍREZ, Hugo S. **Praxis de la interculturalidad: los retos del multiculturalismo y el ethos del mestizaje**. *Persona y Derecho* Vol. 70 / 2014/ 1/47-75, ISSN 0211-4526. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/83587315.pdf>. Acesso em 22 de setembro de 2022.

TAYLOR, Charles: **El multiculturalismo y la política del reconocimiento**, Fondo de Cultura Económica, México, 1993. Disponível em https://www.academia.edu/32370322/Ch_Taylor_El_Multiculturalismo_y_la_Pol%C3%ADtica_del_Reconocimiento_1992. Acesso em 15 de maio de 2022.

VALLESCAR PALANCA, Diana. **Coordenadas de la interculturalidad**. Diálogo Filosófico 51, 2001. Disponível em https://www.ciudadredonda.org/admin/upload/files/1cr_t_adjuntos_46.pdf. Acesso em

WIMMER, Franz Martin. **Filosofía Intercultural, ¿Nueva disciplina o nueva orientación de la filosofía?** Rev. Filosofía Univ. Costa Rica, XXXIII (80), 7-19, 1995, Disponível em https://www.academia.edu/34514098/Filosof%C3%ADa_Intercultural_Nueva_discipli

[na_o_nueva_orientaci%C3%B3n_de_la_filosof%C3%ADa_1995_Postprint.](#) Acesso em 03 de julho de 2023.

ZEa, Leopoldo. ***América en la Historia***, Fondo de Cultura Económica, México, 1957